

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LETRAS**

**ASPECTOS DA TRANSCRIÇÃO NA POESIA DE
WALT WHITMAN E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Rosângela Soares de Almeida Ribeiro

GOIÂNIA, 2018

ROSÂNGELA SOARES DE ALMEIDA RIBEIRO

**ASPECTOS DA TRANSCRIÇÃO NA POESIA DE
WALT WHITMAN E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Trabalho apresentado à Coordenação do
Mestrado em Letras – Literatura e Crítica
Literária da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás para fins de obtenção
do título de mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Divino José Pinto.

GOIÂNIA, 2018

R484a Ribeiro, Rosângela Soares de Almeida
Aspectos da transcrição na poesia de Walt Whitman
e Carlos Drummond de Andrade [recurso eletrônico]
/ Rosângela Soares de Almeida Ribeiro.-- 2018.
87 f.: il.

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em Letras, Goiânia, 2018
Inclui referências, f. 86-87

1. Whitman, Walt, 1819-1892 - Crítica e interpretação.
2. Poesia brasileira - História e crítica. 3. Andrade,
Carlos Drummond de, 1902-1987 - Crítica e interpretação.
4. Poesia americana - História e crítica. 5. Literatura
- Estética. I. Pinto, Divino José. II. Pontifícia Universidade
Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 821.134.3(81)-1.09(043)
821.111(73)-1.09(043)

**ASPECTOS DA TRANSCRIÇÃO NA POESIA DE WALT WHITMAN E CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE**

Dissertação aprovada em 08 de janeiro de 2019, no curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Divino José Pinto
PUC Goiás / Presidente da Banca Examinadora



Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar
UFG / Examinadora Externa

Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira
PUC Goiás / Examinador Interno



Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima
PUC Goiás / Examinadora Interna Suplente

Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira
ALFA / Examinadora Externa Suplente

DEDICATÓRIA

À minha eterna amiga e mãe, Julieta Feitosa, que sempre acreditou em minha capacidade. Eternamente grata, por tudo que fizestes por mim.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço, primeiramente, a Deus e Nossa Senhora, pela concretização de mais um sonho.

Ao meu esposo, Walter e meus filhos, José Roberto e Pedro, pela compreensão e carinho.

À minha cunhada, Hélia e ao meu concunhado Juca, o meu muito obrigada pela força e carinho.

À minha mãe, Benedita Angélica e minha irmã Rosilda, pelo apoio e amor.

Às minhas eternas amigas Cíntia, Luana e Denise, pela ajuda e a demonstração de uma grande amizade.

Ao meu pai, Gercino Soares de Almeida (*in memoriam*), que sempre me incentivou a estudar. Recordo-me, muito bem das suas palavras: “Estude sempre, pois você pode perder tudo, mas os estudos ninguém te rouba.” Suas palavras até hoje soam nos meus ouvidos. Sou eternamente grata por tudo que me ensinastes, muito obrigada.

À minha madrinha Maísa que sempre me ajudou e nunca me disse não, muito obrigada.

Ao meu amigo Silveira que sempre me ouviu e me incentivou a prosseguir com os meus estudos, muito obrigada.

Ao meu amigo P^e. Vanderlan Cunha que sempre me ajudou sem medir esforços e me incentivou “obrigada por tudo”.

Agradecimento especial a minha turma de “Mestrado 2017”, que sempre demonstraram carinho, ajuda uns com os outros. Em especial, à minha querida amiga Izabella, que sempre demonstrou muita amizade e nunca mediu esforços para me ajudar, “muito obrigada”.

Ao meu anjo da guarda “Julieta Feitosa”, que sempre acreditou que eu seria capaz de alcançar os meus objetivos, o meu, “muitíssimo obrigada”, por tudo que fazes por mim.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária da PUC Goiás, pelas aulas e orientações.

Ao meu orientador

Em especial, ao meu querido e dedicado professor e orientador, “Divino José Pinto”. O senhor foi escolhido por mim, através do seu nome com a orientação divina, e que hoje é sinônimo de uma grande amizade e respeito.

Sempre estive ao meu lado, me orientando e compartilhando a sua sabedoria, acreditando no meu potencial. Saiba que sem a vossa ajuda eu não teria alcançado os meus objetivos.

Acredite, és admirado por todos os mestrandos e tenho a certeza que estaremos juntos em várias etapas da minha aprendizagem. Eternamente grata por Deus lhe colocar no meu caminho.

Se procurar bem
Você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.

(Carlos Drummond de Andrade)

Entrega teu caminho ao Senhor; confia Nele, e Ele tudo fará.

(SALMO 37)

RESUMO

Neste trabalho objetiva-se realizar estudos sobre partes e aspectos das obras de dois poetas, postulando que, cada um ao seu modo, revolucionou a poesia de seu tempo: Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade. O que mobiliza nosso interesse são três pontos fundamentais: primeiro, o fato de que ambos apresentam inovações estéticas que apontam para além dos limites canônicos e da temporalidade; segundo, os movimentos transcriativos, observáveis na atmosfera transcendental, passando pelas agruras do amor e a exaltação da mulher, na conformação de suas escrituras e, terceiro, a poesia como instrumentos de verdades universais, a amplidão da visão de mundo, o processo de escritura, aproximações e homologias, linguagem híbrida, sons e imagens, que os tornam diferentes e dignos de serem considerados à parte. Desse modo, apoiamo-nos, nesta pesquisa, em teorias críticas que possibilitem compreender a grandeza e a singularidade desses dois autores, bem como a universalidade e a atualidade permanente dos seus textos. Busca-se também, em seus poemas, os elementos temáticos que trazem à tona todo o pensamento produzido pela geração dos autores que ambos fizeram parte, sem, contudo, ignorar o passado que também lhes servira de matéria poética, na construção dos novos rumos da poesia dos novos tempos, sem rupturas radicais, mas apresentando atitudes surpreendentes em suas formas de escrever, utilizando-se à farta de procedimentos não muito usuais, como é o caso dos versos livres, por exemplo. Whitman e Drummond fazem parte de uma gama de poetas que apresentam estreita relação com a natureza, com a literatura, com a sociedade e com as pessoas, na sua dimensão humanística.

PALAVRAS-CHAVE: Transcrição. Inovação estética. Atemporalidade. Ruptura. Poesia.

ABSTRACT

In this paper we aim to study some parts and aspects of the works of two poets, postulating that each one in his own way revolutionized the poetry of his time: Walt Whitman and Carlos Drummond de Andrade. What mobilizes our interest are three ways, basically: first, the fact that both poets present aesthetic innovations that point beyond the canonical limits and temporality; second, the transcritical movements, observable in the transcendental atmosphere, passing through the hardships of love and the exaltation of women, in the conformation of their writings, and third, poetry as instruments of universal truths, the amplitude of the worldview, , approximations and homologies, hybrid language, sounds and images, which make them different and worth considering separately. In this way, we support ourselves in critical theories that allow us to understand the greatness and singularity of these two authors, as well as the universality and permanent relevance of their texts. They also seek in their poems the thematic elements that bring to light all the thought produced by the generation of which both were part, without, however, ignoring the past that had also served them poetic matter, in the construction of new directions of poetry of the new times, without radical ruptures, but presenting surprising attitudes in their forms of writing, using to the full of procedures not very usual, as is the case of free verses, for example. Whitman and Drummond are part of a range of poets that are closely related to nature, literature, society and people in their humanistic dimension.

KEYWORDS: Transcreation. Aesthetic innovation. Timelessness. Break. Poetry.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
I WHITMAN E DRUMMOND: POESIA ALÉM DAS FÓRMULAS	16
1.1 Negando as fórmulas fixas	26
1.2 Walt Whitman e a reinvenção de um cânone	30
1.3 Drummond um poeta sem tempo	33
II. MOVIMENTOS TRANSCRIATIVOS: DE WHITMAN E DRUMMOND	40
2.1 Realismo transcendental em Whitman e Drummond	43
2.2 Das agruras do amor	46
2.3 Poesia e exaltação da mulher	50
2.4 A brevidade da vida na poesia de Whitman e Drummond	55
III. WALT WHITMAN E DRUMMOND: DESLEITURA ESTÉTICA	60
3.1 A poesia como instrumentos de verdades universais	63
3.2 Processos de escrituras: aproximações	68
3.3 Whitman e Drummond: de mãos dadas	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Iniciamos este trabalho, considerando ser a poesia uma forma que existe desde a antiguidade, concebida em sua origem, para ser falada ou cantada. Ela nos permite conhecer a vida em suas dimensões mais secretas e nos possibilita observar sobre diferentes olhares as temáticas que os poemas podem suscitar. A poesia, contudo, sofre, ao longo dos séculos, mutações infinitas, mas sempre conquistando sua solidificação como forma de beleza e de espiar o mundo.

Walt Whitman é considerado poeta atemporal, pela gama de conhecimentos, pela visão de mundo que professou, de seu país, das pessoas e da vida cotidiana.

Drummond manifesta através dos seus poemas a percepção profunda de tudo que o incomodara, como: o social, o familiar e acerca de tudo que o lhe trazia intranquilidade e em relação a sua pátria.

O objetivo central deste trabalho é fazer uma análise dos poemas e da presença dos poetas Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade, como figuras que estão à frente do seu tempo. Faremos assim um estudo referente ao estilo desses dois autores observando o tempo e as circunstâncias de que ambos fizeram parte e quais são as similaridades presentes nas obras de cada um. Nessa perspectiva, podemos perceber a dimensão das temáticas em ambos os textos e as características linguísticas e construtivas que fazem a aproximação entre eles.

O presente estudo tem como objetos principais o livro *Folhas de Relva*, de Walt Whitman e *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade.

Estudar Whitman é fazer uma investigação das multifaces da linguagem e da vida que sua poesia proporciona ao leitor, trazendo à tona suas mais várias nuances. Por sua vez, os poemas drummondianos, que nos levam a um balanço da vida e um autoquestionamento interior e exterior, uma vez que sua poesia nos inquieta. Assim, percebemos que a arte de cada um dos autores nos indaga incessantemente. Isso é perceptível nas escrituras dos referidos poetas.

Esta afirmação encontra apoio em vários críticos que adentraram a obra desses dois poetas, a exemplo de Alfredo Bosi que nos diz, ponderando sobre a arte poética, de maneira genérica: “A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar”. (BOSI, 1977, p.192).

Segundo Bosi (1977), a interpretação da poesia pode nos dar direcionamentos que às vezes não notamos na prática cotidiana. É abrir olhares para o caminho que podemos prosseguir. Dessa maneira, a poesia tem essa magia de iluminar e a força que nos impulsiona a lutar por aquilo que equivale às nossas expectativas.

Whitman e Drummond, embora tenham pertencido cronologicamente a épocas diferentes, se aproximam pelas múltiplas abordagens temáticas de tipologias distintas e pela forma de contemplação de ambos, da vida, da natureza, das pessoas e de suas pátrias.

Ambos foram grandes na arte de observar e de versificar, leitores que foram do universo das coisas e do mundo interior do ser humano. O mergulho na poesia desses dois autores nos leva a conhecer de perto esse incalculável mundo poético e a relevância que existe em suas obras, apresentando-se de forma aparentemente simples, mas que conseguem unir em uma só expressão o reflexivo e o satírico.

“Em Whitman e em seus descendentes modernos, o estilo processional, feito de enumerações e paralelismos, supre aquela sensação de retorno que o verso tradicional produz com as suas sílabas acentuadas simetricamente”. (BOSI, 1977, p. 76).

Ainda segundo o autor referido anteriormente, a poética de Whitman e seus descendentes modernos levam ao preenchimento de um estilo moderno, superior aos que precederam. O poeta Walt Whitman elevou os seus descendentes e a poesia moderna com grande capacidade com os versos atemporais sem métrica, mas com um gigantesco potencial na arte de compor os seus versos.

A respeito de Drummond, do sentido maior de sua obra, faz-se mister citar os apontamentos do também poeta, crítico e professor Gilberto Mendonça Teles (1996) que assim se pronuncia:

[...] Na obra de Drummond, que funciona assim como um laboratório, uma oficina “irritada”, onde “os materiais da vida” vão-se submetendo a diversas operações: de ampliação, contração, combinação, eliminação e permuta, permitindo surpreendentes invenções retóricas. A sua obra é, por isso mesmo, uma espécie de gramática transformacional e criadora. As duas forças de criação, a da arte e da própria linguagem, se juntam numa única força centrípeta, cujo centro magnético é a poesia. (TELES, 1996, p. 328-329)

Teles (1996), salienta que a poesia drummondiana apresenta várias particularidades que ora nos encanta ora transforma com o poder da sua versatilidade, considerando a amplitude de temas que aborda nas suas obras e a riqueza construtiva de seu fazer poético, fazendo com que cada leitor, ao contactar seu texto se sinta tocado por ele e ao mesmo tempo estimulado a transpor barreiras em busca de uma visão mais profunda das coisas e de si mesmo. A força da arte poética de Drummond nos leva a questionamentos diversos, como: o meu “eu” o passado, presente e futuro. Apresentam textos que nos condicionam a múltiplos porquês.

A metodologia empregada neste trabalho é, preferencialmente, a pesquisa bibliográfica, porém, se abre para outras formas de manifestação sobre a arte poética, de maneira geral, e, de formas mais específica, lança mão de todas as formas de abordagens críticas pertinentes aos poetas agregando com as poesias analisadas.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos um estudo, localizando, quanto ao tempo, circunstâncias e estilo inovador dos dois poetas: Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade, mostrando o processo de construção que ambos apresentam em suas poesias e destacando a importância que, conjuntamente, representam para a Literatura brasileira e mundial.

No primeiro capítulo, apresentamos as peculiaridades em Whitman e Drummond, centrando na sua forma de composição de seus versos, em *Folhas de Relva* (1845), de Walt Whitman, com os seus versos livres, e *A Rosa do Povo* (1945), de Drummond, que rompe com a sua própria maneira antiga de compor versos, seguindo a maneira de Whitman com a poesia sem rimas; o poeta brasileiro, que retoma esta tradição, com um novo olhar e versar que se consolida como um grande marco desse período.

Nesta perspectiva, Whitman reflete sobre Drummond e seus sucessores com a sua imensurável arte de compor seus textos, o que vem sendo retomado e transcriado inclusive na atualidade na arte de versejar.

No segundo capítulo, estudamos dois poemas, sendo um de Whitman e outro de Drummond, verificando em cada um dos textos a dispersão semântica, o ritmo, o apuramento da linguagem, observando as consonâncias e as diferenças na maneira de compor e na temática que ambos abordam.

No terceiro e último capítulo, o estudo abarca os poetas Whitman e Drummond, buscando em poemas escolhidos de *Folhas de Relva* e *A Rosa do Povo*, a poesia como instrumento de verdades universais, tanto do ponto de vista construtivo, quanto do temático, salientando o aspecto da diversidade nesses dois âmbitos que atinge um leque imenso de possibilidades.

A poesia dos referidos autores, apresentam vários pontos contado, principalmente no que diz respeito às características universais de seus trabalhos, à diversidade de temas, visão de ampla de tudo o que está acontecendo, desde a sua terra natal e em relação ao mundo. Apresentam nos referidos livros uma amplitude de traquejo de passado expondo na sua poesia uma cosmovisão de futuro, conforme se vê no poema, “Nosso tempo”, de Drummond.

Nosso Tempo

I

Esse é tempo de partido,
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimos, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!
Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.

II

Esse é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.

Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento, no vale.

Símbolos obscuros se multiplicam.
Guerra, verdade, flores?
Dos laboratórios platônicos mobilizados
vem um sopro que cresta as faces
e dissipa, na praia, as palavras.

A escuridão estende-se mas não elimina
o sucedâneo da estrela nas mãos.
Certas partes de nós como brilham! São unhas,
anéis, pérolas, cigarros, lanternas,
são partes mais íntimas,
e pulsação, o ofego,
e o ar da noite é o estritamente necessário
para continuar, e continuamos.

III

E continuamos. É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar.
Certas histórias não se perderam.
Conheço bem esta casa,
pela direita entra-se, pela esquerda sobe-se,
a sala grande conduz a quartos terríveis,
como o do enterro que não foi feito, do corpo esquecido na mesa,
conduz à copa de frutas ácidas,
ao claro jardim central, à água
que goteja e segreda
o incesto, a bênção, a partida,
conduz às celas fechadas, que contêm:
papéis?
crimes?
moedas?

Ó conta, velha preta, ó jornalista, poeta, pequeno historiados urbano,
ó surdo-mudo, depositário de meus desfalecimentos, abre-te e conta,
moça presa na memória, velho aleijado, baratas dos arquivos, portas
rangentes, solidão e asco,
pessoas e coisas enigmáticas, contai;
capa de poeira dos pianos desmantelados, contai;
velhos selos do imperador, aparelhos de porcelana partidos, contai;
ossos na rua, fragmentos de jornal, colchetes no chão da
costureira, luto no braço, pombas, cães errantes, animais caçados, contai.
Tudo tão difícil depois que vos calastes...
E muitos de vós nunca se abriram.

IV

É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso
na esquina. Tempo de cinco sentidos
num só. O espião janta conosco.

É tempo de cortinas pardas,
de céu neutro, política
na maçã, no santo, no gozo,
amor e desamor, cólera
branda, gim com água tônica,
olhos pintados,
dentes de vidro,
grotesca língua torcida.
A isso chamamos: balanço.

No beco,
apenas um muro,
sobre ele a polícia.
No céu da propaganda
aves anunciam
a glória.
No quarto,
irrisão e três colarinhos sujos.

V

Escuta a hora formidável do almoço
na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.
As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.
Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!
Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,
olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.
Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida,
mais tarde será o de amor.

Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma indecisa,
evoluem.
O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.
Multidões que o cruzam não vêem. É sem cor e sem cheiro.
Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,
toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

Escuta a hora expandongada da volta.
Homem depois de homem, mulher, criança, homem,
roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,
homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem,
imaginam esperar qualquer coisa,
e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se,
últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,
já noite, entre muros apagados, numa suposta cidade, imaginam.
Escuta a pequena hora noturna de compensação, leituras, apelo ao
cassino, passeio na praia,
o corpo ao lado do corpo, afinal distendido,
com as calças despido o incômodo pensamento de escravo,
escuta o corpo ranger, enlaçar, refluir,
errar em objetos remotos e, sob eles soterrados sem dor,
confiar-se ao que bem me importa do sono.

Escuta o horrível emprego do dia
em todos os países de fala humana,
a falsificação das palavras pingando nos jornais,
o mundo irreal dos cartórios onde a propriedade é um bolo com flores,
os bancos triturando suavemente o pescoço do açúcar,
a constelação das formigas e usurários,
a má poesia, o mau romance,
os frágeis que se entregam à proteção do basilisco,

o homem feio, de mortal feiúra,
passeando de bote
num sinistro crepúsculo de sábado.

VI

Nos porões da família
orquídeas e opções
de compra e desquite.
A gravidez elétrica
já não traz delíquios.
Crianças alérgicas
trocam-se; reformam-se.
Há uma implacável
guerra às baratas.
Contam-se histórias
por correspondência.
A mesa reúne
um copo, uma faca,
e a cama devora
tua solidão.
Salva-se a honra
e a herança do gado.

VII

Ou não se salva, e é o mesmo. Há soluções, há bálsamos
para cada hora e dor. Há fortes bálsamos,
dores de classe, de sangrenta fúria
e plácido rosto. E há mínimos
bálsamos, recalcadas dores ignóbeis,
lesões que nenhum governo autoriza,
não obstante doem,
melancolias insubornáveis,
ira, reprovação, desgosto
desse chapéu velho, da rua lodosa, do Estado.
Há o pranto no teatro,
no palco ? no público ? nas poltronas ?
há sobretudo o pranto no teatro,
já tarde, já confuso,
ele embacia as luzes, se engolfa no linóleo,
vai minar nos armazéns, nos becos coloniais onde passeiam ratos noturnos,
vai molhar, na roça madura, o milho ondulante,
e secar ao sol, em poça amarga.
E dentro do pranto minha face trocista,
meu olho que ri e despreza,
minha repugnância total por vosso lirismo deteriorado,
que polui a essência mesma dos diamantes.

VIII

O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
prometa ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta
um verme.

(DRUMMOND, 1945, p. 38)

Este poema drummondiano dialoga, em essência, ao poema do Whitman, “Aproveita o dia” (citado no segundo capítulo) começando pela relação que se observa na forma de as duas vozes líricas verem o mundo e indagar sobre a vida e terem este ponto de vista tão amplo que se percebe a importância de viver e aprender, sem deixar o dia passar em vão. Deixa-nos inquietantes com a efemeridade que é a vida. O crescer a cada dia e o privilégio de viver com a capacidade de sempre aprender algo novo na relação dialética entre textos e autores, nas circunstâncias que nos indica o pensador estadunidense Harold Bloom: “Como a linguagem do poeta é sua postura, sua relação com a linguagem da poesia, medimos sua postura em relação à postura do seu precursor”. (BLOOM, 2003, p. 91).

Bloom (2003) acrescenta ainda que a conduta e a forma de expressar do poeta são proporcionais à do seu precursor. Neste construto, Drummond em *A Rosa do Povo* (1945) seguiu uma nova maneira de compor seus versos, ou seja, a maneira do Whitman. Tais versos mencionam não só das circunstâncias brasileiras, mas também universais.

Drummond, com a nova estética ampliada no livro *A Rosa do Povo*, com uma nova tradição com inovações seguindo a maneira de Whitman.

Estudar Whitman e Drummond acresce a cada novo poema a magnitude de seus pensamentos junto a uma nação que ambos ante ao seu tempo deixaram uma mensagem tanto de amor pela família, amigos e no que se refere à crítica a política aos governantes ou algo que eles pressentiam que poderiam acontecer.

Os poetas investigados apresentam em cada poesia o *insight* de uma maneira a sempre acrescentar algo novo.

Desse modo, os estudos da Literatura contribuem, de forma significativa para as transformações observáveis no âmbito social e para a cidadania, uma vez que estes podem propiciar ao estudioso a possibilidade de alcançar a sua emancipação como leitor crítico. Sabendo-se que estes estudos são essenciais para o desenvolvimento da educação estética, da consciência e da sensibilidade, depreende-se também que, por acionar a imaginação por meio das experiências e experimentações com a linguagem, isto favorece o acesso aos diferentes saberes, envolvendo outras culturas, povos e lugares desconhecidos, colocando em constante tensão o universo ficcional e o mundo real.

I. WALT WHITMAN E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: POESIA ALÉM DAS FÓRMULAS.

Whitman nos convida a ser poetas e leitores.
Harold Bloom

Segundo a epígrafe o autor nos faz um convite, deixando a perceber de que todos podem fazer algo novo, ou tentar fazer algo diferente, pois a leitura nos dá subsídios para a transcrição.

Whitman que metaforicamente é a própria folha da relva, e que, por extensão, será simbolicamente, a própria folha em branco que desafia o poeta ou mesmo a folha da escritura na qual se insere o poeta.

O poeta americano através dos seus poemas resurgiu um novo mundo, um novo pensar que cantou o início da liberdade, foi uma iniciativa explodindo em versos livres. O contemporâneo que versou sobre o tempo cíclico da vida e morte, de passado e de um futuro distante.

Drummond o poeta que foi mais longe com a estética do modernismo, formando as vertentes mais brilhantes da poesia do século XX. O processo de escritura de Drummond, ele conseguiu cada termo metricamente no seu devido lugar, juntando assim esteticamente e coerente como seu tempo, capacidade que são características marcantes dos seus poemas. Toda essa peculiaridade de Drummond o torna um continuador de Whitman, como poeta que retoma e leva adiante, um projeto estético iniciado por Whitman.

Neste capítulo, nossa análise será acerca dos poemas de Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade, salienta o fato de que ambos nos legaram uma poesia além das fórmulas, poesia de alcance universal e atemporal, carregando em si o gene da vanguarda, tanto como forma de conceber o mundo, quanto na concepção da escritura. Tomamos como base alguns teóricos, como: Hugo Friedrich, Julio Plaza, Paul Ricoeur, Harold Bloom dentre outros.

Whitman e Drummond foram dois poetas de tempos distintos, mas as suas obras apresentam uma consonância imensurável, nas quais se observa a predominância dos versos livres, a reflexão que transcende a respeito das pessoas, a liberdade de expressão e o mundo que os cerca. Os dois grandes poetas

trouxeram novos pensamentos e atitudes para o mundo artístico, sendo notável o caráter múltiplo e universal das suas obras.

Whitman, na sua poesia, sempre preocupado com os problemas sociais, morais, políticos, defensor da democracia, da natureza, o respeito para com o ser humano e sempre se igualava às pessoas, era enfim, a democracia sem hierarquia, o humanismo estava sempre presente e a condição humana estava em primeiro lugar.

A poesia de Whitman, sempre universalizante, nos leva a perceber o individualismo presente na sociedade. Em contraposição, o eu lírico whitminiano se posiciona de forma veemente, como podemos ver, no verso, *Folhas de Relva*: “Quando dou, me dou por inteiro/ E tudo que tenho eu dou [...]” (WHITMAN, 2011, p. 78). Esse *modus dicendi* de Whitman exerce grande fascínio e mistério, uma vez que essa voz se apresenta com tal universalidade e atemporalidade que guarda em si o frescor e o sentido, permitindo sua leitura a qualquer tempo, visto que apresenta um grande senso de contemporaneidade.

Whitman exalta também, em sua poesia, a condição do homem moderno, polêmico, com versos emblemáticos como aquele com o qual ficou ainda mais conhecido mundialmente a partir do poema “Ó Capitão! Meu Capitão!” (*Folhas de Relva*, 2012, p. 334) Citado no filme, *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), que citamos a seguir:

Ó Capitão! Meu capitão!

Ó Capitão! Meu capitão! Nossa terrível viagem se cumpriu,
O Navio cruzou tormentas, é nosso o prêmio pio,
O porto vê-se ao perto — os sinos dobram, o povo espera,
Olhos que à quilha firme tornam, desta nave forte e fera;
Mas Ó coração, coração!
Ó gotas de vermelho brio,
No convés em que ele dorme,
Deitado morto e frio.

Ó Capitão! Meu Capitão! Te levanta, escuta os sinos,
A ti se desfaldam bandeiras — a ti se dirigem os hinos,
Vê quantas flores e coroas, tantos atavios cobrindo a costa,
Vê a multidão que clama — comovida massa, a dor à mostra;
Eis a mão de quem te ergue!
Aqui, capitão! Aqui, pai gentil!
— Ah! O sonho se desfaz no deque,
Onde quedas morto e frio.

Meu Capitão já não responde, a boca sem vigor e viço,
Meu Capitão já não se move, cessa o pulso, o corpo rijo,
Sã e salva a nave ancora — o périplo se encerra e tudo finda,
Da viagem vil a nau retorna — o grande prêmio, a glória vinda;

Ó clamor das praias, Ó dobrar dos sinos!
Só me restar andar sombrio,
No convés em que ele dorme,
Deitado morto e frio.

(WHITMAN, 2012, p. 334)

Este poema se tornou emblemático, principalmente pela sua oportuna e eficiente exploração no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, estrelado pelo saudoso [Robin Williams](#), no papel de professor Keating, servidor em uma escola tradicional na qual os alunos não tinham vontades próprias, suas vontades eram impostas por seus pais e pela escola. Mas o professor revolucionário os instigou a pensarem e refletirem sobre as suas vontades, a questionarem suas vidas, desejos e tomarem suas próprias decisões.

Na primeira estrofe o eu lírico aborda referente a uma viagem e a guerra civil americano intitulado “Capitão” relatando a morte do presidente dos Estados Unidos. Relata a tristeza de um povo e seus sofrimentos.

Na segunda estrofe percebe-se que a poética aborda as pessoas clamando e comovidas pelo o grande acontecimento da época em meio a tantas tristezas e dor.

Já na terceira estrofe quando o eu lírico menciona “Meu Capitão já não responde, Meu Capitão já não se move” deixa-nos a perceber que as pessoas não estavam acreditando com o que estava acontecendo.

O poema “Capitão” escrito em 1875 por Whitman, um dos mais conhecidos do século XX. E que até hoje é lido por mais diferentes tipos de públicos. É importante salientar que Whitman foi mestre na composição de seus poemas e também foi professor no ano de 1838 e 1839, deixando o seu legado de mestre.

Temas polêmicos povoam a obra em pauta deste poeta, como a concepção de democracia, liberdade, natureza, e, principalmente o ser humano com sua condição de mutabilidade e necessidade de renovar-se: “O presente não te basta – para imenso crescimento como o teu – para uma prole como a tua./ Somente o futuro pode e consegue te bastar”. (WHITMAN, 2011, p. 363).

Assim como a natureza é renovada, como o sistema político, submetido a um processo histórico, para Walt Whitman essa ideia de continuidade, reconstrução solicita que as pessoas analisem seu passado e refaçam valores para o presente.

Ante esses valores está a arte, a religião e a democracia construída como uma nova maneira de vida moral que torne o homem livre para interpretar o mundo e a relacionar-se como cidadão dinâmico.

O estilo de Whitman é em expressar o ritmo lógico do pensamento, aliado a uma grande criatividade. Com a sua técnica inovadora de seus poemas. Whitman o criador dos versos livres, sempre moderno e eterno.

Drummond tem sido caracterizado, por muitos, como um intérprete do dia a dia, misturando elementos do sarcástico, do romântico, do sóbrio, do crítico mordaz e do imaginário interiorano, simples, a um só tempo.

Drummond desenvolveu, nos seus poemas, uma reflexão de caráter existencial, interpelando as pessoas no mundo, as quais se tornavam cada vez artificiais ante o universo tecnológico, que, de certo modo é um grande fator de opressão. Nesse contexto, ele deu forma e universalidade à poesia moderna brasileira. O poeta alcançou grande multiplicidade de temas, servindo-se de elevada subjetividade, que se mostra na presença/ausência. O cenário, múltiplo significativo, está densamente manifesto em sua criação, mas sempre de uma forma imprevisível, como se o poeta extraísse a beleza acerca dos fatos mais banais.

Drummond não deixa de apresentar certo desencanto com a vida, mas expressa em seus versos em formas de ironia e humor, explicitando que o existir oscila entre a tragédia e o burlesco. Um escritor versátil acompanhou os problemas individuais e sociais da sua época, mostrando a perplexidade do homem, seus sentimentos, sua visão das coisas, da solidão, do amor e da morte, em profundas reflexões filosóficas e metalinguísticas.

Em relação à linguagem, Drummond escreveu versos livres, sem preocupação com a métrica e rima, onde seu estilo é refinado e de uma eficiência que vai além dos poetas da sua época.

Na sua poesia “Consideração do poema”, Drummond deleita com as palavras, ratificando a sua multidimensionalidade:

Não rimarei a palavra sono
Com a correspondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
Ou qualquer outra, que todas me convém.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livres por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis [...]
(DRUMMOND, 2008, p. 21)

A tessitura das palavras drummondiana, a polifonia mágica é de um poeatar alegórico e cheio de transfiguração. “As palavras não nascem amarradas,” proclama

Drummond. Neste sentido, o a voz poética se manifesta ao fim de uma hierarquia verbal, na qual o lirismo moderno, toda a poesia autêntica, a beleza, a aspiração, a originalidade estão à frente.

Por estas características, Drummond é colocado por críticos e historiadores o poeta atemporal brasileiro, expondo nas suas poesias objeto de reverberação perante tudo que o circundava e a ruptura com o seu passado e o fim da poesia rimada.

Vê-se, então, as várias gradações da sua poesia, o eu lírico é capaz de nos fazer mergulhar num oceano de sentimentos díspares. Sua sugestibilidade é de teor incomparável, visto que metaforiza sempre na forma de construção dos seus poemas.

Drummond foi, assim, revolucionário em seu labor, uma vez que, em suas obras utiliza os mais diversos temas que fazem aflorar o seu vazio melancólico como homem e dos desencontros do mundo. Com uma poética alargada, Drummond surpreendeu todos os do seu tempo e marcou significativamente esse período literário brasileiro. Sua obra de Drummond é multifacetada, onde colabora para a concretização da poesia modernista, como características de algumas das suas poesias a revalorização de aspectos de alta relevância do cânone simbolista, o culto dos poemas longos e breves ao nível filosófico e ideológico, o questionamento do “eu” e do “estar no mundo”.

A poética de Drummond nos expõe a sua competência com as letras e a sua inteligência de detectar ideias e sentimentos, por uma forma de enigmas, numa linguagem que se estende do coloquial ao nível rebuscado.

Na poética drummondiana, os temas mais recorrentes são: a família, a terra natal, os amigos, o indivíduo, o social, a natureza, o amor, o existir e a própria poesia, como podemos notar no poema “Passagem da noite”.

Passagem da noite

É noite. Sinto que é noite
não porque a sombra descesse
(bem me importa a face negra)
mas porque dentro de mim,
no fundo de mim, o grito
se calou, fez-se desânimo.
Sinto que nós somos noite,
que palpítamos no escuro
e em noite nos dissolvemos.
Sinto que é noite no vento,
É noite nas águas, na pedra.
E que adianta uma lâmpada?

E que adianta uma voz?
 É noite no meu amigo.
 É noite no submarino.
 noite na roça grande.
 É noite, não é morte, é noite
 de sono espesso e sem praia.
 Não é dor, nem paz, é noite,
 é perfeitamente a noite.

Mas salve o olhar de alegria!
 E salve, dia que surge!
 Os corpos saltam do sono,
 O mundo se recompõe.
 Que gozo na bicicleta!
 Existir: seja como for.
 A fraterna entrega do pão.
 Amar: mesmo nas canções.
 De novo andar: as distâncias,
 as cores, posse das ruas.
 Tudo que a noite perdemos
 Se nos confia outra vez.
 Obrigado, coisas fiéis!
 Saber que há ainda florestas,
 Sinos, palavras, que a terra
 Prossegue seu giro, e o tempo
 Não murchou; não nos diluímos.
 Chupar o gosto do dia!
 Clara manhã, obrigado,
 O essencial é viver!

(DRUMMOND, 2008, p. 48)

No início do poema “É noite. Sinto que é noite” é perceptível a estagnação, travamento é como se o eu lírico interrompesse algo que não desse tempo de concluir ou escondesse de algo. E essa escuridão está dominando todo o seu ambiente toda a sua vida.

Nota-se no poema, “Passagem da Noite” o estado que o eu lírico se encontra, a sua melancolia no qual se vê na escuridão da noite, podemos perceber na estrofe a seguir:

É noite no meu amigo.
 É noite no submarino.
 É noite na roça grande.
 É noite, não é morte, é noite.
 (DRUMMOND, 2008, p. 48)

Isso sugere que, apesar de lenta, a noite está findando. E esta gradação nos remete a uma condição de amanhecer. O substantivo “passagem” nos destina a algo eventual, estando numa fase de transição e que não será para sempre. Desta forma, é de se esperar que a noite acabe e que chegue a um final.

No sétimo verso referente ao mundo.

Sinto que nós somos noite,
que palpítamos no escuro,
e em noite nos dissolvemos.
Sinto que é noite no vento,
Noite nas águas, na pedra.
(DRUMMOND, 2008, p. 48)

O verso sai da primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural “nós”, com a finalidade de incluir o universalismo, da mesma maneira que a segunda guerra estava mexendo com os ânimos de todas as pessoas do mundo, mesmo não estando próximos diretamente ao conflito. Elas apresentam no escuro de uma incerteza no geral e receiam por seu futuro, sentindo insegurança referente a ele.

E “em noite nos dissolvemos” caracteriza que a noite nos dirige algo relativo à interrupção, marasmo e que gera dúvida e inquietação de alguma coisa. E que a dado momento nos acordamos e temos a chance de recomeçar.

Ao mesmo tempo, ocorre a disseminação da noite mediante os elementos do ambiente externo “noite, vento, águas, pedra” salientando que é algo que vai além da sua indagação.

Podemos notar na estrofe a seguir:

Mas salve o olhar de alegria!
E salve, dia que surge!
Os corpos saltam do sono,
O mundo se recompõe
Que gozo na bicicleta!
Existir: seja como for.
(DRUMMOND, 2008, p. 48)

Percebe-se o contentamento do eu lírico, quando se vê que já é dia. Isso indica que o eu lírico pode ter conseguido soluções para os seus anseios da oposição “escuro/claro” e com o amanhecer uma nova oportunidade surge, dando uma nova visão para que o almeje que sempre há novo repensar, um novo caminho a percorrer.

O poema “Passagem da noite” está no livro *A Rosa do Povo*, lançado em 1.945 e que resume as duas inquietações de Carlos Drummond de Andrade o “Eu” versus “Mundo”. Em que relata uma ligação dialógica: “eu” que reflete no “mundo” da mesma forma que as indagações do mundo transpassam o “eu”.

Podemos notar que Drummond tornou-se um continuador de Whitman com as inovações dos seus poemas universais e de versar livre no livro *A Rosa do Povo*.

Os dois poetas, Whitman e Drummond, são detentores de uma estilística imensurável, que guarda sempre um processo contínuo de ruptura e são capazes de fugir aos padrões de suas épocas, uma vez que suas obras abarcam toda uma gama de conhecimentos e sentimentos dos mais variados temas. Ambos são considerados, respectivamente, pilares incontestáveis da Literatura moderna americana e brasileira respectivamente.

1.1 Negando as fórmulas fixas

Metaforizar é ver, contemplar, lançar
um golpe de vista para o semelhante.
Paul Ricoeur

Segundo o autor em epígrafe (2000), O poeta narrou em forma de poesia, a forma de ver as pessoas e como as vivia na sua época, Whitman o poeta da liberdade poetizava sempre a favor do próximo e da natureza sentia prazer por muitas coisas relacionadas ao cotidiano, suas dores, angústias, mas também sonhava com um mundo melhor, saborear a vida, arte e o bem viver. Foi um eterno observador do ser humano, do qual admirava e que via avante do seu mundo, sempre em busca de algo novo.

Whitman, o poeta da liberdade, poetizava sempre a favor do próximo e da natureza, sentindo prazer por muitas coisas relacionadas ao cotidiano, suas dores, angústias, mas também sonhava com um mundo melhor, saborear a vida, arte e o bem viver. Foi um eterno observador do ser humano, do qual admirava e que via avante do seu mundo, sempre em busca de algo novo:

O objetivo do poeta não é descobrir novas emoções, mas utilizar as corriqueiras e, trabalhando-as no elevado nível poético, exprimir sentimentos que não se encontram em absoluto nas emoções como tais.
(ELIOT, 1989, p. 47)

Segundo Eliot (1989), foi Whitman na sua poesia, trouxe a lume tudo o que envolveu a vida em seu tempo, como, o cotidiano a natureza e as pessoas de uma

forma peculiar. Seu estilo faz aflorar mais do que problemas subjetivos e sua subjetividade só teria valor para ele na formação do indivíduo. Whitman negou as fórmulas fixas e caminhou na direção da eterna descoberta. Podemos mencionar que, conforme aclamação de críticos como Harold Bloom e outros, a poesia do “grande poeta”, de natureza pública, conduz o seu público a experiência individual.

Uma das questões mais interessantes da fala do Whitman está na articulação de um vocabulário revolucionário, do qual o poeta se utiliza de lugares comuns como o ódio aos déspotas a querela entre o novo e o velho mundo caracterizando assim um americano rebelde, que não permitiu ser induzido pelos superiores e que muito honrou a sua liberdade, em uma sociedade da época com tensões sociais de uma sociedade que era instigada as ilusões e desigualdades do capitalismo.

Na sua poesia “Canção de mim Mesmo” pode perceber a voz poética, a impressão e o seu registro:

É em *Song of my Myself*, seu mais ambicioso poema, que Whitman dá sua mais plena, se bem que incompleta explicação das relações entre sua alma e seus dois eus. “Celebro a mim mesmo”, ele começa, querendo dizer que seu herói é Walt Whitman, ou que ele chamou o poema de 1856: “Poema de Walt Whitman, um americano”. (BLOOM, 1994, p. 264)

Segundo o crítico mencionado, “*Song of Myself*” mostra o poeta se revelando por completo, sem medir palavras, a respeito de si mesmo, ratificando ele próprio, menciona “está o eu real”, figuratizando o próprio Whitman e simbolizando todas as pessoas, igualando a todos sem repulsa.

O lirismo do poeta é um “Canto sobre si mesmo”, revela que sobrevivemos em um mesmo universo, e deixa-nos reflexões acerca do ser humano e em relação ao mundo com a sua grande poesia de cunho humanista.

Canto de mim mesmo

Eu celebro o eu, num canto de mim mesmo,
E aquilo que eu presumir também presumirás,
Pois cada átomo que há em mim igualmente habita em ti.
Descanso e convido a minha alma,
Deito-me e descanso tranquilamente, observando uma haste da relva de verão.

Minha língua, todo átomo do meu sangue formado deste solo, deste ar,
Nascido aqui de pais nascidos aqui de pais o mesmo e seus pais também o mesmo,
Eu agora com trinta e sete anos de idade, com saúde perfeita, dou início,

Com a esperança de não cessar até morrer.
 Crenças e escolas quedam-se dormentes
 Retraindo-se por hora na suficiência do que não, mas nunca esquecidas,
 Eu me refugio pelo bem e pelo mal, eu permito que se fale em qualquer
 casualidade,
 A natureza sem estorvo, com energia original.

Casas e cômodos cheios de perfumes, prateleiras apinhadas de perfumes,
 Eu mesmo respiro a fragrância, a reconheço e com ela me deleito,
 A essência bem poderia inebriar-me, mas não permitirei.
 A atmosfera não é um perfume, não tem o gosto de essência, não tem odor,
 Existe para a minha boca, eternamente; estou por ela apaixonado,
 Irei até a colina próxima da floresta, despir-me-ei de meu disfarce e ficarei
 nu,

Estou louco para que ela entre em contato comigo.
 A fumaça da minha própria respiração,
 Ecos, sussurros, murmúrios vagos, amor de raiz, fio de seda, forquilha e
 vinha, [...]
 (WHITMAN, 2012, p. 49-53)

No poema citado a experiência do leitor o aproxima do poeta em ação, somos transportados a uma nova poética que nos destina ao seu mundo a sua forma de ver a América e as pessoas. O poeta Whitman foi uma grande voz a favor de um povo e de seu país.

Whitman via a realidade social do seu país, os conflitos e a publicação das suas poesias eram com a pretensão de fazer valer as suas palavras e a sua maneira de ver o mundo, as questões sociais, as pessoas e a natureza da América. O grande poeta expressou comunicando aspectos do seu tempo.

No poema Canção de mim mesmo, Whitman se autoriza estar em todos os lugares e ver tudo ao mesmo tempo: “O poeta, aquele que olha o desconhecido, torna-se o grande enfermo, o grande delinquente, o grande proscrito- e o sumo sábio”. (FRIEDRICH, 1991, p. 63).

Hugo Friedrich (1991) define o poeta em questão como um enaltecedor o que sente o que ninguém sentiu o que vê o invisível e o que ouve o inaudível, ou seja, aquele que transcende o que é comum. Assim foi o Whitman, ao ultrapassar a sua época, ele se sentia semelhante ao ser humano, mas enxergava e expressava nos seus poemas tudo de extraordinário o que assustava muitas pessoas que não conseguiam entender a sua forma de falar de uma sociedade com determinada dimensão. Sociedade essa que ele sempre a via como prioridade nas suas poesias, pois se fala de tudo relacionado ao humano. Whitman escreveu com ousadia em

primeira pessoa e declarou com convicção emoções e realidades agradáveis quanto incômodas acerca de uma sociedade americana.

Hugo Friedrich, ao referir-se a Whitman, chamando de “o pai dos versos livres e longos”, fala também da tessitura de seus poemas e de sua abrangência, que ele mesmo afirmou nas seguintes palavras: “versos longos, semelhantes a hinos ou salmos, elevam o leitor como marés cósmicas: a técnica, assim como o entusiasmo que emana deles.” (FRIEDRICH, 1991, p. 200).

Assim como o poema nos remete ao enigmático ou à totalidade de algo, uma situação nos transporta, sinestesticamente, às imagens, aos cheiros e nos estimula à fantasia, conduzindo-nos a uma infinidade de inquietações: “O próprio poeta compara seus versos com as ondas do mar”. (FRIEDRICH, 1991, p. 200).

É como efluir todo o poema com palavras relacionadas ao mundo e as pessoas que o cerca, é evadir-se ao desconhecido, como se as palavras flutuassem trazendo novas significações e estimulasse o leitor, desvendando novas imagens e o estimulasse a fantasias. Para Friedrich, “a ruptura entre autor e público é mantida aberta por meio de efeitos de choque. Estes se manifestam no estilo anormal da nova linguagem”. (FRIEDRICH, 1991, p.152).

O poema “Canção de Mim Mesmo” serviu de sugestão para o artista plástico Thomas Eakins pintar o quadro um banho de homens nus (século XIX) e que serviu de muita inspiração e um novo pensamento acerca da homossexualidade, ratificando a beleza masculina em consonância com a natureza, como podemos certificar na obra a seguir:

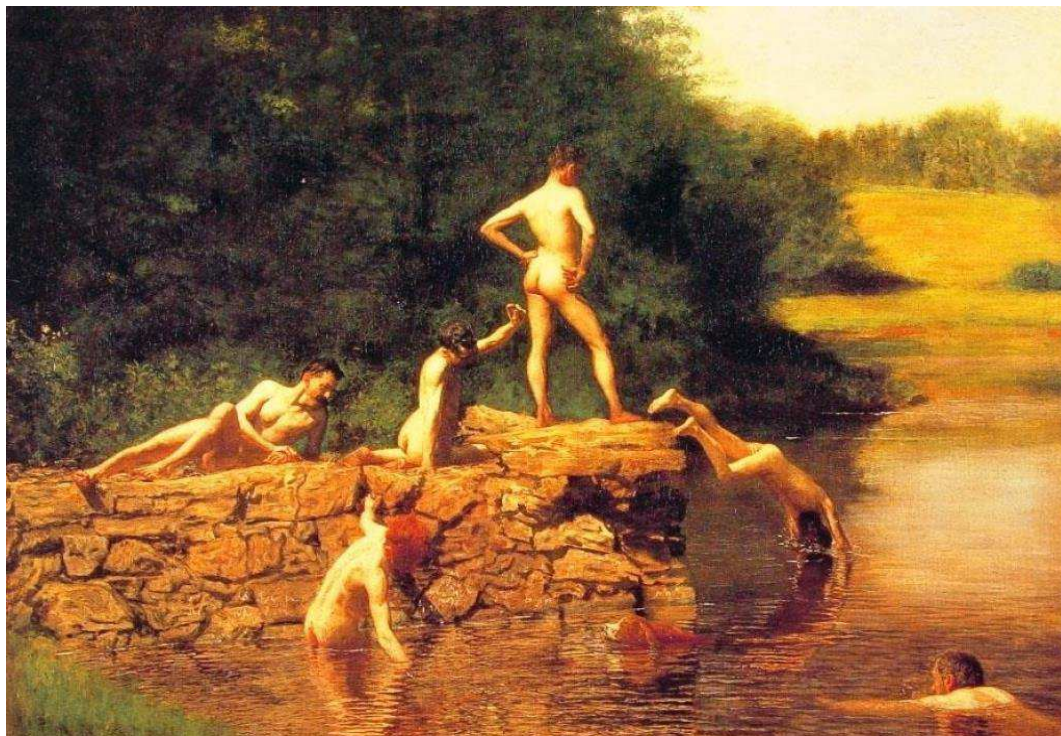


Figura 1- Tela pintada pelo artista plástico Thomas Eakins, no século XIX.

Whitman despertou muitas críticas, causando uma avalanche de sensações com a ruptura com o passado. Nesse sentido, tornou-se um grande colaborador, um divisor de águas da literatura universal. Rompeu com os estreitos limites do convencional, sempre desejou que a sua poesia fosse uma expressão da sua personalidade espiritual, suas mensagens ultrapassaram fronteiras de uma literatura corriqueira, ou seja, sentir o espírito da sua poesia é como um alimento da alma. E para entendê-las é sempre necessário um exercício de paciência e de sensibilidade até que se obtenha a contemplação. A ruptura com o velho mundo forma a cultura norte-americana, se dá, principalmente, pela sua vocação transcriativa, (re) inventiva, pela capacidade de retomar, em forma de desconstrução e reconstrução.

1. 2 Walt Whitman e a reinvenção de um cânone

Walt Whitman é o poema da nossa atmosfera, o gênio do litoral norte-americano.

Harold Bloom

Segundo o autor em epígrafe Whitman apresenta o poeta da universalidade na arte de poeatar e alcançou ao longo dos anos uma abrangência de leitores e de admiradores. O poeta alcançou um patamar do poeta norte-americano com o seu canto global e atual, como se nota no poema a seguir:

Ouço a América cantando

Eu ouço a América cantando, cantos alegres e variados ouço,
 O canto dos mecânicos, cada um entoa seu canto, tal como deveria ser em júbilo e em força,
 O carpinteiro cantando quando mede sua prancha ou viga,
 O pedreiro cantando quando começa o seu trabalho, ou quando o finda,
 O barqueiro cantando o que ele pertence em seu barco, o taifeiro cantando do barco a vapor,
 O sapateiro cantando quando senta em seu banco, o chapeleiro cantando quando está de pé,
 A canção do lenhador, a do lavrador quando vai em seu caminho de manhã, ou no descanso ao meio dia, ou no crepúsculo,
 O canto delicioso de uma mãe, ou da jovem esposa em seu trabalho, ou da garota costurando ou lavando,
 Cada um cantando o que pertence a si mesmo e a ninguém mais,
 O dia canta o que pertence ao dia, à noite a festa dos jovens camaradas, robustos e amigáveis,
 Cantando com suas bocas abertas suas fortes e melodiosas canções.

(WHITMAN, 2012, p. 35).

Walt Whitman foi de um olhar singular para o homem simples e, ao seu comportamento, teve uma grande empatia ao humano com sua obra nobre e nutrida de metáforas.

No poema/prosa “Eu ouço a América cantar”, notamos a presença de vários personagens, como: mecânicos, sapateiros, lenhadores, barqueiros, mães; pessoas pertencentes a vários núcleos da sociedade com características e vivências distintas, traduzindo o cotidiano em sua complexidade, sem se desvencilhar das bases linguísticas simples, o que aponta para uma poesia de visão moderna.

No poema citado, Whitman canta uma América a ser construída. Assim, se revela o cantor de um mundo novo, um poeta que teve um projeto de humanização, ele cantou a América popularmente. Sua poesia, de uma maneira particular, desperta no leitor do nosso século a revalorizar a natureza, o ser humano mostrando de uma forma a transformar a geração dos séculos vindouros. Uma visão global acerca do que estava e ainda está acontecendo, com preocupações pertinentes, de interesse coletivo e permanente, com ideais democráticos que vão das crianças até todos que anseiam a vida, pois todas as pessoas possuem desejos e sempre necessitam de algo.

Whitman projeta desejos e sonhos em forma de poesia para uma nação da qual o próprio almejava.

Nesse sentido, voltando a Friedrich:

A liberdade na poesia leva a acolher todos os assuntos sem limitação, sem ter em conta seu nível. A poesia se inflama com nebulosas e oceanos, mas também com um lenço que cai, com um fósforo que se acende. “Extraí o que nunca percebido das coisas mais impotentes como das mais triviais, transformando-o em surpresa irritante, em novas alegrias, embora sejam dolorosas de suportar”. (FRIEDRICH, 1991, p.147-148)

Friedrich (1991) manifesta que a poesia é de uma infinidade múltipla de significações, levando-nos ao desconhecido, ocupando assim, lugares díspares e fazendo-nos saltar ao inimaginável, sentirmo-nos livres, permitindo-nos os mais inusitados voos.

É como se descobríssemos algo novo que nos faça aprender a atribuir novas formas ou valores às coisas corriqueiras, lançar um novo olhar sobre o que nos cerca, movidos por entusiasmos diferenciados, pela alegria, a esperança e a fé no que está por vir.

Whitman o inovador escreveu sem medo e com uma grande ousadia, deixa a perceber que sentia que um dia iria ser reconhecido, como podemos constatar na citação a seguir:

Whitman, o único homem abrindo um caminho à frente. Whitman, o único, pioneiro. E só Whitman. Nenhum pioneiro inglês, nem Francês. Nenhum pioneiro poeta europeu. Na Europa, os que seriam pioneiros são meros inovadores. O mesmo se dá na América. À frente de Whitman, nada. À frente de todos os poetas, pioneiros no agreste de vida não aberta, Whitman. Além dele ninguém. (BLOOM, 1994, p. 281)

Bloom (1994) afirma que Walt Whitman significou muito para as pessoas e para os Estados Unidos da América. É ele considerado a frente dos demais poetas da sua época. Whitman na sua visão poética fez das suas poesias uma canção à vida, com seus temas multifacetados sempre a frente da sua nação. Seu poema universalista é de uma grande referência para o homem comum, do qual ele mesmo poderá ser o personagem.

Whitman, com um olhar à frente do seu tempo, criou, com sua poesia, aquilo que a crítica mundial considera um novo cânone americano, o que lhe rendeu a alcunha de “o poeta dos poetas”, o grande homem que escreveu seus versos sem

métrica com grande maestria, um conhecedor perspicaz de tudo que o rodeava. Foi também um grande defensor da igualdade e da liberdade, como ativista ardente das grandes causas sociais e humanas: “Toda a grande poesia de Whitman se reúne aí, no momento mesmo em que o poeta canta confiantemente um registro que está em harmonia com sua centralidade canônica”. (BLOOM, 1995, p. 280).

Segundo Bloom (1995), a poesia de Whitman extrapola os limites da poesia norte-americana ganhando abrangência universal, uma vez que, em movimentos transcriativos e revisita, sua arte se dirige ao passado, revela engajamento com sua atualidade e aponta para gerações futuras. Nesta perspectiva, ler Walt Whitman é sentir a presentificação do momento que se eterniza, corroborando assim a sua atemporalidade. Como podemos perceber na citação a seguir:

A originalidade de Whitman tem menos a ver com seu verso supostamente livre do que com sua inventividade mitológica e seu domínio da linguagem figurativa. Suas metáforas e argumentos, criando metro, abrem a nova estrada ainda mais efetivamente que as suas inovações na métrica. Mesmo poemas muito curtos e ligeiros manifestam impacto a sua originalidade. (BLOOM, 1994, p. 258)

A originalidade de que fala Bloom pode ser atestada na forma de composição de Whitman, pelos seus versos desmedidos, ora curtos, ora longos, rompendo com o que era de habitual na sua época, criando dentro de si a liberdade de escrever com extrema sensibilidade os seus versos livres.

Os títulos dos poemas de Folhas de Relva são até certo ponto alegóricos, uma vez que a motivação para a sua poesia sempre esteve nos hábitos e desmesuras da sociedade da sua época. Neste contexto, os poemas revelam todo um acervo dos temas nacionais, o homem humilde, o trabalho, os desejos e a convicção de um novo futuro.

Os versos livres whitmanianos, o ritmo do pensamento e a ordenação dos seus poemas são características que emana todo um perfil do poeta.

A alma whitmaniana é natureza desconhecida, uma espécie de vazio, enquanto o eu grosso é uma persona ou máscara, uma série infinitamente mutante de identificações. O eu real, o eu mesmo, porém, é não apenas um reino conhecido, mas a faculdade de conhecer, alguma coisa próxima da capacidade gnóstica de conhecer do mesmo modo como se é conhecido. (BLOOM, 1994, p. 263)

Um tema recorrente em Whitman é a natureza, que se confunde com o “eu poético”, num plural de identidades em um só poeta, onde desfilam as mais variadas facetas performatizadas em uma voz ecoando a todos os cantos, demonstrando a sua grande capacidade de transcendentalismo.

Notamos, ao ler Whitman, certa convicção acerca da sua contribuição poética em nível mundial. E serviu de modelo e recriadas pelas gerações sucessoras. Sendo considerado o poeta canonical, a tipologia dos prazeres que seus poemas nos proporcionam várias camadas de significações, nas quais a conexão das palavras é precisa.

1.3 Drummond um poeta sem tempo

Drummond está consciente importância e do alcance da sua poesia, da sua capacidade de refletir o mundo contemporâneo, de exprimir os sentimentos não só dele mesmo como também dos seus semelhantes.

John Gledson

O texto em epígrafe traz à luz a preocupação de Drummond em fazer emergir de seus versos uma sociedade que tem por desafio maior a questão da relação do homem como sujeito objeto. No livro *A Rosa do Povo* essa preocupação sobre a relação do eu com o mundo ganha ênfase especial, no sentido de que aí vem à tona o eu social, na solidão revelando os paradoxos existentes da contemporaneidade.

Drummond, a título de enquadramento estilístico, faz parte de uma geração modernista brasileira que buscou a inovação de seus poemas. Contudo, Drummond, na sua coletânea *A Rosa do Povo*, extrapola todos os rótulos e assim podemos nos 55 poemas deste livro uma visão crítica e futurista enquanto acontecia a Segunda Guerra Mundial e a Ditadura de Vargas.

A Rosa do Povo foi o seu quinto livro de poesia, no qual o poeta utiliza-se dos versos livres e de temáticas referente ao universo social como, o medo, a guerra e aspectos da sua vivência e as lembranças sempre presentes em seu âmago.

O que não podemos negar nos poemas de Drummond são as suas lembranças, presentes nos seus poemas, de forma transfigurada, como por exemplo:

Ontem

Até hoje perplexo
ante o que murchou
e não eram pétalas.

De como este banco
Não reteve forma,
Cor ou lembrança.

Nem esta árvore
Balança o galho
Que balançava.

Tudo foi breve
E definitivo.
Eis está gravado.

Não no ar, em mim,
Que por minha vez
Escrevo, dissipo.

(DRUMMOND, 2008, p. 64)

A saudade é um dos temas que também está presente na obra drummondiana. Nos versos do poema em tela, percebe-se um sentimento de saudade, breve, mas definitivo, fugaz, mas permanente, como tudo o que é denso e profundo e paira no fundo da memória.

O eu lírico diante de toda essa lembrança, só tem uma coisa a fazer: manifestar, com intensidade a sensação desconcertante mesclada de nostalgia, paixão, lembrança e dor contida. É escritura que a saudade é dissipada.

A coletânea de poemas em *A Rosa do Povo* é de um lirismo individual e de uma pluralidade temática formal no qual o poeta exprime todo o seu sentimentalismo fragmentado, no nível interior e exterior.

Em *A Rosa do Povo* é notável, em seus poemas, a engenhosidade da construção, aliando a linguagem cotidiana oral à linguagem culta pela metáforização, gerando uma grandeza múltipla carregada de subjetividade que vai além do eu individual, entrando em coerência profunda com o cosmos, com outras formas de linguagem, o que enriquece o seu dizer poético, pela metalinguagem, que traz incontáveis indagações, inquietações permeadas de surpresas e possibilidades.

No poema “Ontem”, nota-se uma espécie de canto pessoal e também coletivo, um canto de lamúria, esperança, amor e de socorro, um canto que

sensibiliza, que se pode sentir em cada palavra, sua singularidade e imensidão penetram todas as esferas da vida carnal e espiritual.

Este poema nos permite convocar Friedrich (1991) quando diz: “Poetar significa, portanto: evocar o objeto calado numa obscuridade propositada, por meio de palavras alusivas, jamais diretas, e o poeta são o mágico das palavras.” (FRIEDRICH,1991, p.134)

Outro poema que põe em movimento esse corpo linguístico, mobilizando também a dimensão humana do leitor, em toda a sua amplitude, “A flor e a náusea”, impressiona pelo movimento rítmico e seu alcance:

:

A flor e a Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta.
 Melancolias, mercadorias, espreitam-me.
 Devo seguir até o enjôo?
 Posso, sem armas, revoltar-me?
 Olhos sujos no relógio da torre:
 Não, o tempo não chegou de completa justiça.
 O tempo é ainda de fezes, Maus poemas, alucinações e espera.
 O tempo pobre, o poeta pobre fundem-se no mesmo impasse.
 Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
 Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
 O sol consola os doentes e não os renova.
 As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.
 Vomitar este tédio sobre a cidade.
 Quarenta anos e nenhum problema resolvido, sequer colocado.
 Nenhuma carta escrita nem recebida.
 Todos os homens voltam para casa.
 Estão menos livres mas levam jornais e soletram o mundo, sabendo que o perdem.
 Crimes da terra, como perdoá-los?
 Tomei parte em muitos, outros escondi.
 Alguns achei belos, foram publicados.
 Crimes suaves, que ajudam a viver.
 Ração diária de erro, distribuída em casa.
 Os ferozes padeiros do mal.
 Os ferozes leiteiros do mal.
 Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
 Ao menino de 1918 chamavam anarquistas.
 Porém meu ódio é o melhor de mim.
 Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima.
 Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralisem os negócios, garanto que uma flor nasceu.
 Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.
 Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde e lentamente passo a mão
 nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

(DRUMMOND, 2008, p. 27)

Neste poema, o eu lírico faz aflorar a sua repulsa ao mundo que o indigna e aborrece. Percebe-se o poeta mergulhado num mundo do qual tudo é igualado a coisas supérfluas, no qual ele sente o dever de sair do mundo que lhe está constringendo. Preso à sua classe, ele vai vendo e meditando sobre a sua própria condição. Apresenta aí o seu cansaço, seu desgosto e desespero. O mergulho nos leva perceber um “eu” angustiado, desesperançado, um homem no meio da multidão e sem comunicação, “preso a minha classe”, ou seja, o momento que vivenciou, ante as coisas e acontecimentos, ante a tragédia da vida contemporânea: “O eu lírico responde com reações precisas: horror, arrepio, e, sobretudo, coordenado a espaço, tempo e afeto”. (FRIEDRICH, 1991, p.79)

Dessa maneira, nota-se no poema “A Flor e a Náusea” o esvaziamento da voz diante dos grandes questionamentos que traz consigo mesmo e com tudo o que está acontecendo à sua volta.

A “Flor” que nasce é também a poesia que brota em uma época de pobreza e violências, revelando o germinar de uma nova existência intensamente almejada pelo voz que canta, que além de expressar uma nova esperança, a “Flor” prenuncia o fruto, uma necessidade perante o espaço imundo. Como podemos constatar na citação abaixo:

Esta união, que o poeta se atribui em “flor e a náusea” (“o tempo pobre, o poeta pobre...”), explica como o canto do poeta pode infiltrar-se na sociedade da mesma maneira que o “negócio” do capitalismo, do sistema, da grande máquina. O artista utiliza os objetos e as palavras cotidianas da nossa civilização para criticá-la de dentro, e para revelar as suas tensões. (GLEDSON, 1981, p. 206)

Segundo este autor (1981) o poema “A flor e a náusea” traduz esse tempo de grandes mudanças, e o estilo em que Drummond poetiza, sempre acreditando na força das palavras, remetem a uma época de grandes transformações às quais a poesia consciente não seria indiferente.

Ainda percebe-se o eu lírico em meio a um estado reprimente em que deixa notar na palavra “náusea” o sentimento de repugnância de tudo ao que estava ao seu redor, avaliando tudo e refletindo sobre o mundo e as coisas. Mas perante a

essas reflexões o eu lírico se volta sempre para o lado oposto e vê na “Flor” um novo fluir de ideais, de um novo mundo, de uma nova consciência e quem sabe um novo caminho a percorrer referente a tudo o que lhe incomoda.

O lirismo drummondiano vem sempre à maneira de reflexão acerca das mais várias problemáticas como se reivindicasse novos valores e mais humanidade, beirando às vezes, numa aparente calma, à ironia refinada ao falar dos problemas e da decadência de uma sociedade que já não produzia mais a satisfação, individual ou coletiva.

Em Drummond, a confiança aparece metaforizada na “Flor” que nasce na rua, simbolizando uma nova esperança, um novo olhar, um novo mundo, “Flor” essa resistindo ao mundo urbano de asfalto e concreto, desabrocha e ilude a polícia, rompe o asfalto.

Mas a flor tem a mesmo significado que em *A Rosa do Povo*; a realização, por breve que seja, de uma forma no caos ao nosso redor. Mais do que a sua beleza- já era feia em a “Flor e a Náusea”, duvida-se agora da sua própria existência. Ao invés de considerar a flor, o poeta se pergunta se pode se justificar, já de início, o uso da palavra “Flor”. Acredita que pode, por perigosamente fácil que seja (“não é longo mentar uma flor”); mas a imagem de construir de bruma nosso arco-íris está longe de nos convencer da permanência de sua criação. Não tem outra alternativa, porém, porque sem a flor não há possibilidade de forma nem de ideal, e o poeta teria que calar. (GLEDSON, 1981, p. 213)

Ainda segundo o Gledson (1981) a atitude do poeta perante essa “Flor” demonstrou preocupação em meios a tantos conflitos e dúvidas. Mas, ele próprio enaltece o poeta quando demonstra o equilíbrio do eu lírico que questiona: “é coisa, nua e abstrata”, revelando que o homem pode sempre restituir a própria esperança e acreditar que tudo se renova, mesmo diante do impossível.

“Uma flor nasceu na rua” causando um sentido diferente da maneira das coisas, essa “Flor” aí presente é o imprevisível, o misterioso, mas que ao nascer, muda toda a realidade. O eu lírico nos conduz a repensar sobre a sociedade daquela época em que meio a tantas conturbações e experiências universais desastrosas estavam presentes a fé na vida e no homem, fé na luta, na capacidade de dizer não, de compartilhar, fé na poesia e na arte.

A simbologia de “flor/asfalto” nos coloca diante de uma ambiguidade de sentidos. O primeiro, substantivo, é representativo de encanto e sensibilidade, utopia

do eu lírico mesmo sendo nomeada como sem cor, feia. O segundo, também substantivo, é símbolo de evolução, de concretude e intransponibilidade.

Gledson (1981) nos auxilia ao falar do nascimento da rosa como um momento ímpar em que o eu lírico não demonstra ter certeza de sua existência:

A confiança de *A Rosa do Povo*, a sensação de que a forma da poesia e a forma da experiência coincidem, não podia durar. Mas sem este momento de confiança, o ceticismo do poeta não teria a importância que tem. Drummond sabe muito bem que é mais fácil duvidar que afirmar. (GLEDSON, 1981, p. 207)

Ainda para Gledson (1981) Drummond demonstrou em *A Rosa do Povo* um momento de um maior amadurecimento como poeta, em que aplicou a sua linguagem ao mais elevado grau, demonstrando até incerteza do que escrevera. Assim foi o grande escritor que presenciou vários momentos do seu país. Drummond se utiliza de um vocabulário do cotidiano, com versos brancos e sem rimas representativas da poesia moderna.

Percebe-se que as temáticas das obras drummondiana são compatíveis com as críticas que ele faz, fazendo das suas obras uma riqueza e de uma extensão poética, que até hoje conquista leitores por meio de seu canto poético.

II. MOVIMENTOS TRANSCRITIVOS: DE WHITMAN E DRUMMOND

A historicidade do poema moderno revela-se, por entre aparentes paradoxos, no princípio da composição: são os procedimentos que trazem a marca da história.

Julio Plaza

O autor em epígrafe aborda referente ao poema que este utiliza elementos para relatar determinado contexto histórico, apropriado de uma linguagem simples ou composta, submetendo a reverberação dos acontecimentos.

Os poemas de Walt Whitman e Carlos Drummond são de vivência que ambos fizeram parte, ratificando assim cada período de suas vidas.

Neste capítulo, elencamos alguns poemas de Whitman e Drummond e analisaremos os seguintes poemas: “A medida que eu refletia em silêncio”, “Além da terra além do céu”, “Às vezes com alguém que eu amo”, “Amar Amaro”, “Esta é a forma fêmea”, “A moça ferrada”, “Aproveita o dia” e “Eu quisera ver o mundo”.

Estes poemas são aqui interpretados e comparados, ressaltando as similaridades presentes em cada um deles, analisando o tempo e suas circunstâncias em que foram escritos.

À medida que eu refletia em silêncio

Enquanto eu ponderava em silêncio,
Retornando sobre meus poemas, considerando, muito demorando-me
Um Fantasma ergueu-se diante de mim, de aspecto desconfiado,
Terrível em beleza, idade e poder,
O gênio de poetas de antigas terras,
Como se a mim direcionasse seus olhos feito chama,
Com dedo apontado para muitas canções imortais
E voz ameaçadora, O que cantas tu?, disse;
Não sabes que há senão um tema para bardos sempiternos?
E que esse é o tema da Guerra, a fortuna das batalhas,
A feitura de soldados perfeitos?
Que assim seja, pois, respondi,
Também eu, altivo Vulto, canto a guerra – e uma maior e mais longa do
que qualquer outra,
Travada em meu livro com fortunas várias – com fuga, avanço e retirada
– a Vitória trêmula e deferida,
(No entanto, creio, certa, ou quase o mesmo que certa, afinal.) – O
campo o mundo;
Pois a vida e a morte – para o Corpo, e para a Alma eterna,
Vede! também venho, entoando o canto das batalhas,
Eu, sobretudo, promovo bravos soldados.

(WHITMAN, 2012, p. 25)

Nos versos transcritos o eu poético dialoga com o próprio poema, fazendo um questionamento profundo acerca do que ele vivenciou e que muito demora em obter as suas respostas. O eu lírico diante de tais circunstâncias é indagado com vários questionamentos e que muito vai desenvolvendo o seu texto. Observamos que “medida” designa um termo cronometrado que o poeta faz uma autoavaliação consigo e com a sua obra.

O poeta apresenta um sentimento cósmico e que diante de tal contexto apresenta perguntas, indagações e vai dialogando consigo. Diante dos pensamentos podemos perceber o inefável sentimento do poeta e sincronismo com tudo que o cerca.

A metalinguagem do poema faz inquietar-nos diante das contestações consigo que nos faz aprofundar no reino das suas palavras, em busca de uma interpretação precisa.

Segundo Plaza (2013, p. 6) “Tradução é, portanto, o intervalo que nos fornece uma imagem do passado como ícone, como mônada”. Desse modo, o poeta é um ser poetando e tendo como ponto de partida o seu “precursor”, porque o escritor não se julga ultrapassado, mas tendo sempre uma influência poética e deixando o seu “eu lírico” seu novo cunho de escrita, ou seja, a sua marca poética, onde se percebe um novo estilo de um novo poetar. Assim percebemos em cada uma das escrituras de Whitman e Drummond, sua marca e sua expressão de fazer poemas.

A tradução nos faz compreender o passado e nos remete uma janela do presente, fazendo-nos capaz de fazer uma correlação entre ambos.

Nesta concepção, podemos perceber o lirismo presente em várias linhas do poema, como podemos perceber o emprego do “eu e mim” e as vezes o “eu” implicitamente, como podemos observar: “À medida que eu refletia em silêncio/
Um fantasma ergueu-se diante de mim/ Como se a mim direcionasse seus olhos
feito chama/ Que assim seja, pois, respondi/ Também eu, altivo vulto, canto a
guerra/ Com fuga, avanço e retirada/ No entanto, creio, certa, afinal/ Vedel!
Também venho/ Eu, sobretudo, promovo bravos soldados”.

Dando continuidade com a interpretação do poema, vejamos os versos a seguir.

Nos versos: “Não sabes que há senão um tema para bardos sempiternos?/
E que esse é o tema da guerra, a fortuna das batalhas,/ A feitura de soldados
perfeitos?” O poeta relata que foi uma guerra que marcou consideravelmente os

Estados unidos e o mundo e que jamais será esquecida, vista que fora longa e também com muitos prejuízos para o país.

O poeta enaltece esses soldados, “A feitura de soldados perfeitos?” Como os soldados lutaram com grande força em favor da sua pátria. Sempre solidarizando os oprimidos que estavam sofrendo e que demonstraram um grande apreço pela sua nação deixou para trás a sua família e amigos.

Ainda nos versos “Também eu”, altivo Vulto, canto a guerra – e uma maior e mais longa do que qualquer outra [...] o eu lírico perante tudo o que viu e ouviu o desespero das pessoas perante a uma luta incessante com durabilidade de quatro anos e de uma grande repercussão mundial.

Essa guerra de sucessão da qual o poeta menciona foi uma luta entre os estados do norte e do sul, da qual os estados do sul eram os escravagistas e o do norte era os abolicionistas. Foi num período que foi abolida a escravidão no país, nota-se que o poeta fala da efemeridade e do eterno, como podemos verificar nos versos: “Pois a vida e a morte – para o Corpo, e para a Alma eterna”.

O eu poético menciona “campo e mundo”, ele se sente como se estivesse diante de uma plateia, questionando consigo e ao mesmo tempo fala com o leitor que é o seu público alvo e o mundo que é a sua fonte de inspiração.

Whitman mostra a sua presença na história viva e a história de um povo, também o seu comportamento para com as pessoas, demonstrando sempre um grande humanista.

“Whitman não tinha nenhum método poético a não ser o próprio eu, embora fosse mais correto dizer “eus”, pois são três: eu, Walt Whitman, um americano.” (BLOOM, 2017, p. 69).

Segundo BLOOM (2017) Whitman é o poeta das multifaces, que sempre surpreendia com a sua forma prosaica de escrever, com grande competência e conhecimento do que fazia.

Os poemas whitmanianos são carregados de cores e a maneira que vamos lendo vai formando um mosaico, ou seja, os seus poemas nos faz recriar esplêndidas cenas.

A voz poética de Whitman em “promovo bravos soldados” levanta um canto de que a cada dia podemos nos tornarmos uma pessoa melhor, renovada e que o seu canto representa a nação da qual ele fez parte.

É importante salientar, que o poeta Walt Whitman fez parte de uma história que muito representou para ele e que foi de repercussão mundial.

2.1 Realismo Transcendental em Whitman e Drummond

O impulso poético é ativado por meio de sua automutilação, por meio do afeamento voluntário da alma.

Hugo Friedrich

O autor em epígrafe menciona que o eu lírico ao escrever sobre algo, demonstra sofrimento, na medida em que ele vai poetando ele vai vivenciando, seja positivo ou de algo que faz sofrer. Visto que os poetas ao compor os textos se entregam de corpo e alma.

Whitman e Drummond fazem parte de uma transição entre o transcendentalismo e o Realismo presentes nas suas obras. Contudo, podemos observar que ambos estão entre os mais influentes escritores da época contemporânea.

Drummond, nas suas escrituras nos remete estar mais vivo do que morto em se tratando de um universo que faz parte as suas obras, como: os amores, as vontades e o cotidiano sempre presentes. E que deixa a perceber que temos sempre algo a aprender, principalmente no poema abaixo “Além da terra além do céu”.

ALÉM DA TERRA, ALÉM DO CÉU

Além da Terra, além do Céu,
no trampolim do sem-fim das estrelas,
no rastro dos astros,
na magnólia das nebulosas.
Além, muito além do sistema solar,
até onde alcançam o pensamento e o coração,
vamos!
vamos conjugar
o verbo fundamental essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política,
o verbo sempreamar,
o verbo pluriamar,
razão de ser e de viver.

(DRUMMOND, 2008, p. 1276-1277)

Segundo o autor (1991) poetar nos faz transmutar a um universo do qual não fazemos parte, é como se mergulhássemos em um oceano desconhecido, é poder

sentir o que ninguém sentiu ver o que ninguém viu e ouvir o que ninguém ouviu. Como podemos constatar no poema “Além da terra além do céu”.

O poema “Além da terra além do céu” é um texto cuja essência se encontra no amor, na tradução viva do verbo amar. Em seus versos percebe-se um movimento contínuo de expressão da litariedade lírica, contida na intensa significância das metáforas que se sucedem numa relação de interdependência entre elas, como se percebe nos versos a seguir:

Vê-se aí a natureza performativa desta obra, repleta de signos com multidimensões e com uma força que nos impulsiona para o centro da palavra entre as células semânticas. Tomando o signo “céu”, por exemplo, notamos o espírito de transcendência e de infinitude que perpassa todo o poema. Na expressão, “[...] do sem-fim das estrelas”, temos confirmada a noção de infinitude, uma vez que, tanto o termo “sem-fim”, quanto “estrelas” nos convidam à viagem poética pelo seu misterioso universo. Outro vocábulo que também chama atenção é “nebulosas”, pela sua vastidão corpórea e sêmica corroborando a ideia de coisas intangíveis que dá vida ao poema em estudo: “Além, muito além do sistema solar, / até onde alcançam o pensamento e o coração,” (DRUMMOND, 2008, p. 1276-1277).

Desenvolve-se o poema de Drummond, apontando sempre para o etéreo. Nos versos, “Além, muito além do sistema solar, / até onde alcançam o pensamento e o coração”, considerando que o pensamento é o elo que pode nos ligar a mundos inimagináveis e o coração a mundos igualmente imprecisos e sensíveis, dessa forma, observa-se a prevalência dessa atmosfera transcendental do poema.

vamos!
vamos conjugar
o verbo fundamental essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política,
o verbo sempreamar,
o verbo pluriamar,
razão de ser e de viver.
(DRUMMOND, 2008, p. 1276-1277)

Mais adiante, o eu lírico nos convoca a conjugar esses dois verbos: “sempreamar” e “pluriamar”, essenciais para a confirmação de toda essa visão cósmica que o texto estabelece, num gesto de ruptura em que tais verbos são colocados acima das noções gramaticais, neologismos que intensificam esse sentimento que está além de tudo, das coisas materiais, econômicas e políticas.

Enfim, o poema “Além da terra, além do céu,” nos mostra de forma enfática os sentidos e sentimentos plenitude e a força motriz desse amor, que rege em todas as dimensões que vai muito além da nossa imaginação.

“Na linguagem da poesia, a mobilidade dos sentidos e significados corresponde a imobilidade dos signos. O ponto de partida do tradutor não é a linguagem em movimento, matéria-prima do poeta, mas a linguagem fixa do poema”.(PLAZA, 2013, p. 40).

Ainda segundo o autor a tradução é um refletir sobre os aspectos de seleção partindo do original e recriar numa outra maneira. É a interpretação de uma poesia sem deixar perder a sua essência.

Dentro deste contexto, a interpretação de uma poema é penetrar no ilimitado mundo do seu contexto e trazer a tona a sua plurissignificação, vista que é de uma imensurável riqueza de signos, que o tradutor com a sua avidéz seja capaz de desvendar tal poema.

Os dois poemas “À medida que eu refletia em silêncio”, “Além da terra além do céu” são poemas que existem algumas similaridades em relação ao lirismo em que ambos se identificam. No primeiro poema, a presença do “eu e mim” e a do segundo o pronome “nós” são convidativos a imaginação de cenas distintas, mas que ambos se assemelham por se tratar de uma grande metalinguagem e as extremidades como: vida e morte e no trampolim do sem – fim das estrelas.

Walt Whitman um incansável questionador consigo mesmo, enquanto Drummond com a presença rica de neologismos já nos posiciona a vários lugares para mencionar o tamanho de um sentimento que vai “muito além da nossa imaginação”.

A temática que aborda o primeiro poema é de fazer-nos viajar através de um passado distante e que se faz presente nas nossas lembranças, através das leituras precisas acerca do poeta e de suas vivências. Já Drummond com a rica metalinguagem nos expressa uma mensagem que nos faz aproximar dessa imensidão (mundo) que não é tátil, mas faz nos fantasiar e refletir sobre nós para com as pessoas que fazem parte do convívio social e do cotidiano.

A releitura do poema “À medida que eu refletia em silêncio” e “Além da terra além do céu” nesta concepção dos dois textos nos dirige um olhar para além do que é rotineiro, do que está próximo.

Os poemas nos fazem pensar em outros mundos, além do visível é a transcendência ao nosso imaginar ou pensar que vai acima do horizonte. Um

exemplo “Terra versus céu” que nos remete para um mundo infinito, intocável, onde estão as forças positivas, os sonhos, as pulsões mais íntimas, “Além muito além” de uma realidade substancial.

“À medida que eu refletia em silêncio” é como se o eu poético desejasse encontrar um sentido para as coisas que o rodeava. A sua autenticidade extravaza todo um contexto real, quando menciona “pela vida e pela morte, pelo corpo e pela alma eterna”.

Estes atributos do transcendental relativos aos dois poemas constituem em si relação com o ser humano, com a natureza e o ser, ambos referem aos princípios dos quais estão conectados.

É importante notar que a dialética expressa nos poemas faz-nos distintos nos níveis da iconicidade em que se notam as circunstâncias empregadas em cada um deles. Ambos são de uma linguagem enfática e questionadores universais que se nota em cada linha dos textos estudados.

Destarte, a poética de cada um dos poetas nos referidos poemas são surpreendentes com o que se consegue extrair, visto que ainda há muito que aprender, porque todo poema pode ser decodificado de várias maneiras.

2.2 Das agruras do amor

O poeta, argumento como consequência, não é tanto um homem falando a homens, mas sim um homem se rebelando por um homem morto (o precursor) falar a ele, e ser ultrajantemente mais vivo do que ele mesmo.

Harold Bloom

Segundo o autor em epígrafe o poetas não é só falar a outras pessoas, mas sempre terá em mente o seu antecessor (referente), visto que ele sempre será reflexo das novas composições.

Alguns poemas de Whitman e Drummond que apresentam enfoque no amor, visto que esse às vezes aparece ao sabor de muitos desencontros, de sofrimento, já que amar em muitos contextos significa sofrimento, incerteza, desajuste entre o que ama e é amado.

Salientando que esse conjunto de sentimentos desprazeres são características de amar e de ser amado, mas quando se é correspondido essa mistura se torna ameno em relação à pessoa que ama e é correspondido.

Tais sentimentos têm a magia de despertar no ser humano muitas coisas reveladoras que só esse sentimento é capaz de estimular e dominar a pessoa.

O poeta é aquele que está além do seu tempo, que consegue sentir o novo que está por vir e que ele se julga ser um precursor. Pois ele tem capacidade para ver adiante e apresenta as suas ideias e atitudes referentes ao seu ponto de vista e aos seus sentimentos. Como se nota no poema a seguir:

Às vezes com a pessoa a quem amo

Às vezes com a pessoa a quem amo
 Fico cheio de raiva
 Por medo de estar só eu dando amor
 Sem ser retribuído;
 Agora eu penso que não pode haver amor
 Sem retribuição, que a paga é certa
 De uma forma ou de outra.
 (Amei certa pessoa ardentemente
 e meu amor não foi correspondido,
 mas foi daí que tirei estes cantos.
 (WHITMAN, 2007, p.166)

A lírica amorosa do poema é frisada pela tristeza do poeta, apresenta num tom insatisfeito “às vezes com raiva”, visto que se trata de seus sentimentos para com a pessoa a qual ele ama e apresenta o verbo no presente “fico”.

No início do texto, nota-se a presença da amada deixando o eu lírico marcado pela dúvida se é ou não correspondido pelos seus sentimentos, como podemos confirmar nos versos:

Às vezes com a pessoa a quem amo
 Fico cheio de raiva
 Por medo de estar só eu dando amor
 Sem ser retribuído;
 (WHITMAN, 2007, p. 166)

Mais adiante ele reflete consigo mesmo que não pode “haver amor sem retribuição”. O eu lírico apresenta realista acerca dos sentimentos que embora marcado pela insegurança o poeta não se deixa curvar referente ao que sente.

É relevante ressaltar que mesmo diante do sofrimento o eu lírico, não se engana em nenhum momento dos seus questionamentos. Como percebe nos versos: “agora eu penso que não pode haver amor sem retribuição”, como se nota o poeta já está com outra concepção acerca dos sentimentos.

Já no final do texto o poeta apresenta mais consciente do que fala e também identifica com o verbo no passado “amei certa pessoa ardentemente”, deixando a perceber que ficara no passado quem ele amou, não permitindo tal sentimento e que foi por essa razão que ele escreveu esse poema.

O poeta é aquele que tem uma cosmovisão de mundo e do que o circunda, podendo estar em vários lugares e ter os mais diversificados sentimentos, porque ele está à frente dos demais.

O poeta é uma pessoa que tudo tem uma razão para escrever, ou seja, ele encontra em tudo um motivo para transformar em poesia.

O poema “AMAR-AMARO”, de Carlos Drummond de Andrade, ilustra, em suas linhas e vazios esta destituição da ordem, ao mesmo tempo em que suscita a estruturação de uma nova ordem, buscando seu sentido na negação do sentido linear, realizando, antes de qualquer coisa, movimentos insólitos da voz poética, dignos de uma sinfonia atonal, centrada num eixo movediço, cuja unidade está na variação e no senso de ruptura. (PINTO, 2007, p. 2)

Segundo o autor (2007) o poema Amar - Amaro relata o eu poético extremamente sofrido e arrebatado por sentimentos devastador apresentando tolerância, visto que a fala poética demonstra não ter algo que cure tal sentimento que machuca tanto externo como internamente.

AMAR-AMARO

POR QUE amou porque a!mou
se sabia
proibido pssear sentimentos
ternos ou ~~soparedsesep~~
nesse museu do pardo indiferente
me diga: mas porque

amar sofre talvez como se morre
de varíola voluntária vágula evidente?

ah PORQUEAMOU
e se queimou
todo por dentro por fora nos cantos nos ecos
lúgubres de você mesm(o, a)
irm(ã,o) retrato espéculo por que amou?

se era para
 ou era por
 como se enfrentando todavia
 toda vida mas toda lvida
 é indagação do achado e aguda espostejação
 da carne do conhecimento, ora veja
 permita cavalheir(a,o)
 amig(o,a) me revele
 este malestar
 cantarino escarninho piedoso
 este querer consolar sem muita convicção
 o que é esconsolável consolatric consoadíssima
 a vida também
 tudo também
 mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca de nuncaras.

(DRUMMOND, 2008, p. 476)

No poema “Amar-Amaro” é recheado de muito sofrimento, desde o seu início. Logo na primeira estrofe, o eu lírico usa a conjunção “porque” com a finalidade de justificar os seus sentimentos. A presença das antíteses “ternos ou desesperados”, expressando ideias de presença/ausência, como se oscilassem tais envolvimentos.

Mais adiante, o poeta indaga com a pergunta: “mas por que amar sofrer talvez como se morre de varíola voluntária vágula evidente?” deixando a perceber que realmente é uma indagação acerca da descrição de tal sentimento com melancolia.

Na segunda estrofe, a elipse presente “ah PORQUE AMOU” escrito em maiúsculo, em atributo a isso o verbo “queimou” em 2ª pessoa designando assim a causa do sentimento do poeta. Entretanto, queimar-se todo nota todo a expressividade de tais sentimentos em conjunção com o seu sofrimento.

Já na terceira estrofe, vemos as conjunções “entretanto/todavia/toda via/ mas toda a vida”, exemplificando que viver, sofrer e amar são contextos diferentes, e que se pode sofrer independente do caminho que se percorra. “Toda via”, está no âmbito vasto do universo. “toda a vida” já está relacionada ao amaro.

Nota-se a associação entre “consolar e inconsolável”, mas estes com sentidos opostos, porém o que predomina é o segundo, visto que designado do eu lírico, que assim se intensifica o que ele sente.

A presença “esconsolável, consolatric, consoadíssima”, mostra a confirmação da plurificação das palavras.

É importante ressaltar, os neologismos presentes no decorrer do poema, expressando desta forma toda a intensidade desse amor, percebendo assim, a angústia e o assombro do eu lírico ao longo de todo o poema.

Cabe destacar que o acontecimento poético em Amar-amaro, busca a evidenciar que o eu lírico relata que todas as pessoas estão numa mesma situação de vulnerabilidade frente aos males do amor.

Os dois poemas acima “As vezes com a pessoa a quem eu amo e Amar-amaro” são textos que abordam a mesma temática que é o “amor” com predominância desse sentimento amplo em que o eu lírico ora desabafa ora indaga sobre esse sentimento universal que inquieta todas as esferas do ser humano.

No primeiro poema, o eu poético apresenta dúvidas de tais sentimentos para com ele e apresenta medo de só ele amar e não ser amado, enquanto que o segundo texto, o eu lírico menciona dessa dor/queimar/sofrer/morrer de amor em que é expresso em cada linha do poema.

Cabe salientar a metáfora “amaro” deixa atentar para os significados de amargo, desagradável ou os dois simultaneamente. É sempre muito questionador e nos intriga a cada momento em que fazemos a sua releitura.

Para o poeta amar é um envolvimento tão imensurável, ou seja, uma mistura de torturas (angústias) com sentimentalismo (sentimento de libertação) que redundam no que é consolável, visto que deixa perceber que quando o eu lírico fala do amor é intensificado em algo que fere até na alma, e que carrega essa polissemia de significados em cada linha do poema.

2.3 Poesia e exaltação da mulher

A poesia moderna do sonho tende também ao absurdo com todas as suas dissonâncias.

Hugo Friedrich

Seguindo o que nos orienta o autor em epígrafe, a poesia moderna nos remete a algo que nos assombra ora acalma ou nos inquieta, levando-nos a imaginar, criar e repensar cenas que não fazem parte do cotidiano.

Nos poemas a seguir, relatamos a beleza feminina, aquela que tem o poder de exaltar o ser de todas as maneiras possíveis, aquela que o poeta classifica pelos traços, pelas curvas, pela beleza esplêndida, alta, luxúria (exaltada por Drummond).

Já a exaltação da beleza que a mulher tem por Whitman é aquela que é capaz de deixar um homem indefeso. É da mulher o privilégio de dar a vida a outro ser.

O eu lírico exprime uma completa enaltecimento ao ser feminino, visto que ele deixa a perceber que é ela que tem o poder de atração.

Já no final do poema ele termina deixando uma das maiores exaltação e privilégio que é próprio do ser feminino.

Não se envergonhem, mulheres:
 é de vocês o privilégio de conterem
 os outros e darem saída aos outros
 — vocês são os portões do corpo
 e são os portões da alma.

No poema a seguir considerado de temática universal, que ao ler percebemos o autor expondo sem poupar palavras o seu encantamento e admiração pelo sexo feminino, enfatizando de várias maneiras possíveis e comparações acerca da mulher. Notamos ao ler cada linha do suposto poema o eu lírico concede a graça de que tudo provém da mulher, esse ser capaz de dar à vida outra vida.

Esta é a forma fêmea

Esta é a forma fêmea:
 dos pés à cabeça dela exala um halo divino,
 ela atrai com ardente
 e irrecusável poder de atração,
 eu me sinto sugado pelo seu respirar
 como se eu não fosse mais
 que um indefeso vapor
 e, a não ser ela e eu, tudo se põe de lado
 — artes, letras, tempos, religiões,
 o que na terra é sólido e visível,
 e o que do céu se esperava
 e do inferno se temia,
 tudo termina:
 estranhos filamentos e renovos
 incontroláveis vêm à tona dela,
 e a acção correspondente
 é igualmente incontrolável;
 cabelos, peitos, quadris,
 curvas de pernas, displicentes mãos caindo
 todas difusas, e as minhas também difusas,
 maré de influxo e influxo de maré,
 carne de amor a inturgescer de dor
 deliciosamente,
 inesgotáveis jactos límpidos de amor
 quentes e enormes, trémula geléia
 de amor, alucinado
 sopro e sumo em delírio;
 noite de amor de noivo

certa e maciamente laborando
 no amanhecer prostrado,
 a ondular para o presto e proveitoso dia,
 perdida na separação do dia
 de carne doce e envolvente.
 Eis o núcleo — depois vem a criança
 nascida de mulher,
 vem o homem nascido de mulher;
 eis o banho de origem,
 a emergência do pequeno e do grande,
 e de novo a saída.
 Não se envergonhem, mulheres:
 é de vocês o privilégio de conterem
 os outros e darem saída aos outros
 — vocês são os portões do corpo
 e são os portões da alma.
 A fêmea contém todas
 as qualidades e a graça de as temperar,
 está no lugar dela e movimenta-se
 em perfeito equilíbrio,
 ela é todas as coisas devidamente veladas,
 é ao mesmo tempo passiva e activa,
 e está no mundo para dar ao mundo
 tanto filhas como filhas,
 tanto filhas como filhos.
 Assim como na Natureza eu vejo
 minha alma refletida,
 assim como através de um nevoeiro,
 eu vejo Uma de indizível plenitude
 e beleza e saúde,
 com a cabeça inclinada e os braços
 cruzados sobre o peito
 — a Fêmea eu vejo.
 (WHITMAN, 2007, p.666)

Neste poema, a forma fêmea marcada pela sensualidade e predominância de traços que marca o desejo, o corpo e o amor. A maneira que o poeta representa a imagem poética da mulher constitui vários semas em torno da temática.

O eu lírico aborda do início ao fim a vangloriar a mulher pela sua atração acarretado de beleza, como podemos perceber quando o poeta menciona os detalhes do corpo feminino, como: cabelos, peitos, quadris e curvas de pernas.

O poeta afirma como humano peculiar sua sensibilidade e admiração da figura feminina, empregando todos os adjetivos possíveis ao corpo da mulher.

O eu poético a descreve iniciando bem devagar e minuciosamente, primeiro pelo seu aroma, em seguida nota-se a repetição do “eu” para justificar o quanto ele está se sentindo deslumbrado pelo seu perfume.

Nos primeiros versos podemos perceber o eu lírico envolto, ratificando o poder de atração supremo com que “esta” beleza feminina exala, tornando-se o

centro das atenções, em que tudo fica relegado, como se constata nos versos: “as artes, letras, tempos e religiões”.

Nos versos décimo quinto ao trigésimo primeiro é notável a descrição de uma noite de amor que podemos perceber a seguir:

estranhos filamentos e renovos
incontroláveis vêm à tona dela,
e a acção correspondente
é igualmente incontrolável;
cabelos, peitos, quadris,
curvas de pernas, displicentes mãos caindo
todas difusas, e as minhas também difusas,
maré de influxo e influxo de maré,
carne de amor a inturgescer de dor
deliciosamente,
inesgotáveis jactos límpidos de amor
quentes e enormes, trémula geléia
de amor, alucinado
sopro e sumo em delírio;
noite de amor de noivo

(WHITMAN, 2007, p. 666)

Vê-se a descrição desse desejo que é notável nos versos acima e que o poeta a coloca como base de toda a sua pretensão envolvida.

O eu lírico relata vários momentos que ele imagina como se fosse em uma noite de núpcias, o desejo, o delírio e as cenas de amor contendo todas as aspirações possíveis.

Mais adiante, o poeta refere sobre essa honra que a mulher tem de conceber a gerar um filho e que o eu lírico a enaltece com os seguintes versos: “A fêmea contém todas as qualidades e a graça de as temperar, está no lugar dela e movimenta-se em perfeito equilíbrio”. Ratificando assim que a “mulher” é o centro de tudo e que é dela que vem o dom de procriar “tanto filhos como filhas, tanto filhas como filhos.”

Já no final do poema o poeta metaforiza a “mulher” como na natureza ela as vê a alma refletida, caracterizando desta forma a sua delicadeza, meiguice e o seu encantamento, atribuindo-lhe a plenitude da beleza e o dom que só ela tem que é de conceber um outro ser.

Neste poema de Drummond “A moça ferrada” o eu lírico constrói, a partir de uma conjunção de signos, uma moça bonita, bem vestida, discreta e que é muito observada por onde passa, atraindo todos os olhares possíveis.

É uma pessoa muito falada de várias formas, mas que ninguém aproxima, sabe-se que a tal moça vai a igreja todas as tardes muito bem vestida, como percebe nos versos: “ De branco perfeitíssimo, alta, superior, inabordável (luxúria de mil-folhas sob o véu”).

Essa moça que todos falam, mas ninguém nunca viu nada apenas comentam, o poema apresentam características de pessoas do interior que tem por hábito maldizer uns dos outros, sem nunca em visto nada, apenas por suposições de pessoas ociosas e pressupõe coisas das pessoas e saem comentando umas com as outras.

Essa moça que atrai todos os olhares, não pode ser uma moça com posses, independente que saiu de uma cidade grande e veio morar no interior? Porque o poeta atribui-lhe características de uma pessoa independente que não tem nada a temer. A moça tem uma religião da qual ela tem o hábito de ir a igreja todos os dias.

É notável que a sua beleza esplêndida e que é incômodo para muitas pessoas daquela cidade pequena que acabara rotulando com as más línguas simbologia de cidade interiorana.

A moça ferrada

Falam tanto dessa moça. Ninguém viu,
 todos juram.
 Cada qual conta coisa diferente,
 e todas concordantes.
 Dizem que à noite, ela. Ela o quê?
 E com quem? Com viajantes
 que somem sem rastro
 gabando no caminho
 os espasmos secretos (tão públicos) da moça.
 Sobe a moça

a ladeira da igreja
 para reza de todas as tardes.
 De branco perfeitíssimo,
 alta, superior, inabordável
 (luxúria de mil-folhas sob o véu,
 murmura alguém).
 À noite é que acontecem coisas
 no quarto escuro. Ganidos de prazer,
 escutados por quem? se ninguém passa
 na rua de altas horas-muro?

Pouco importa, a moça está marcada,
 marca de rês na anca, ferro em brasa.
 (DRUMMOND, 2007, p. 1076)

Os dois poemas apresentam a simultaneidade da beleza da mulher, o qual “A forma fêmea” apresenta a exaltação da figura da mulher do início ao fim do poema, apresentando assim várias qualidades que a figura “Mulher” possui e que é comparada com a natureza.

“A moça ferrada” também menciona da sua luxúria e da sua beleza magnífica, mas que ninguém a conhece de verdade, apenas comentam coisas imaginárias que a tal moça venha a fazer a noite no quarto escuro, mas que ninguém nunca viu e nem escutou.

No poema do Whitman a descrição da noite de núpcias é descrito sem nenhuma discriminação, é mencionado com riqueza de detalhes, sempre enaltecendo a mulher e esse amor que o envolve o eu lírico de várias formas.

Já no poema do Drummond a moça linda, discreta apresentando a pequena cidade, ela nem se quer percebe que está sendo comentada pelos quatro cantos da cidade, sendo discriminada pelas pessoas que imaginam o que ela possa estar fazendo a noite. Deixando a perceber que o que ela venha a fazer de noite possa lhe ferir a sua dignidade.

2.4 A brevidade da vida na poesia de Whitman e Drummond

Nos poemas a seguir, “Aproveita o dia” e “Eu quisera ver o mundo” tratam-se de temáticas que nos convidam a refletir acerca do que fazemos ou que ainda temos de aprender, deixando certos de que tudo passa, e que na efemeridade da vida só temos a aprender, a amar a admirar as coisas simples e não gastar o tempo com coisas inúteis.

O poema de Drummond nos remete ao mundo dos sonhos e demonstra motivações de correr atrás dos ideais, sem temer e viver a vida sem lamuriar o que já passou.

É importante salientar que ambos os textos falam que tudo é aprendizagem no dia a dia e no final do poema do Whitman ele ratifica que devemos aprender com quem pode ensinar “as experiências daqueles que nos precederam”.

Enquanto Drummond no poema “Eu quisera ver o mundo” deseja ter os olhos que enxergasse um conhecimento humano, esse desejo parece que ele gostaria de saber o que se passa no interior de cada pessoa, suas vontades, quem seria realmente cada ser.

Aproveita o dia

Aproveita o dia,
 Não deixes que o dia termine sem teres crescido um pouco.
 Sem teres sido feliz, sem teres alimentado teus sonhos.
 Não te deixes vencer pelo desalento.
 Não permitas que alguém te negue o direito de expressar-te, que é quase um dever.
 Não abandones tua ânsia de fazer de tua vida algo extraordinário.
 Não deixes de crer que as palavras e as poesias sim podem mudar o mundo.
 Porque passe o que passar, nossa essência continuará intacta.
 Somos seres humanos cheios de paixão.
 A vida é deserto e oásis.
 Nos derruba, nos lastima, nos ensina, nos converte em protagonistas de nossa própria história.
 Ainda que o vento sopra contra, a poderosa obra continua, tu podes trocar uma estrofe.
 Não deixes nunca de sonhar, porque só nos sonhos pode ser livre o homem.
 Não caias no pior dos erros: o silêncio.
 A maioria vive num silêncio espantoso. Não te resignes, e nem fujas.
 Valorize a beleza das coisas simples, se pode fazer poesia bela sobre as pequenas coisas.
 Não atraíçoe tuas crenças.
 Todos necessitamos de aceitação, mas não podemos remar contra nós mesmos.
 Isso transforma a vida em um inferno.
 Desfruta o pânico que provoca ter a vida toda a diante.
 Procura vivê-la intensamente sem mediocridades.
 Pensa que em ti está o futuro, e encara a tarefa com orgulho e sem medo.
 Aprendes com quem pode ensinar-te as experiências daqueles que nos precederam.
 Não permitas que a vida passe sem teres vivido..."

(WHITMAN, 2007, p. 667)

O eu lírico sugeres, incisivamente, nas primeiras linhas do poema “Aproveita o dia” (*Carpe diem* em latim), a importância que o ser humano tem que é de aprender, estimular os sonhos e de ser feliz. E nunca desistir, mesmo ante as dificuldades, ou seja, não deixar o dia passar em vão, mesmo diante do desânimo ou da estafa.

Da quinta à nona linha do poema podemos notar a importância que nós temos de podermos expor nossas ideias, argumentar e que através das nossas palavras podemos fazer um mundo diferente, pois somos “seres humanos cheios de paixão”, como o poeta mencionou no verso.

Nos versos seguintes, Whitman expressa que a vida não é só alegrias ou tristezas, ela é de vitórias e derrotas, cabe a cada um aproveitar de cada circunstância um aprendizado e por mais difícil que pareça nunca desistir de sonhar, nunca resignar e nem desistir jamais do que almejas:

A vida é deserto e oásis.

Nos derruba, nos lastima, nos ensina, nos converte em protagonistas de nossa própria história.

Ainda que o vento sopra contra, a poderosa obra continua, tu podes trocar uma estrofe.

Não deixes nunca de sonhar, porque só nos sonhos pode ser livre o homem.

Não caias no pior dos erros: o silêncio.

A maioria vive num silêncio espantoso. Não te resignes, e nem fujas.

(WHITMAN, 2012, p. 667)

O eu lírico menciona sobre o pior dos erros: que é o “silêncio” que para Whitman a importância das pessoas expressarem a opinião é dever e isso poderá mudar o “mundo”, o autor valoriza no seu poema a expressão de cada pessoa.

Mais adiante, o poeta fala da felicidade e a valorização das coisas simples, o valor do ser humano e que não podemos opor a nós mesmos.

Nos últimos versos o eu lírico nos dá uma lição de vida perante saber aproveitar essa dádiva que é viver tendo consciência de que ela é efêmera, mas o futuro está em nossas mãos e que é permitido sempre sonhar, que temos capacidade de enfrentar o que está por vir sem esmorecer.

Na última linha “Não permitas que a vida passe sem teres vivido...”, Whitman, deixa uma recomendação: viva e aproveite sempre cada momento, aprendendo, amando, aceitando cada circunstância que nos é proporcionado em prol da nossa evolução.

“O sentimento poético, em suas manifestações metafóricas, manifesta a indistinção do interior e do exterior. As texturas poéticas do mundo (alegre ondulação) e os esquemas poéticos da vida interior (lago de gelo), correspondendo-se, manifestam a reciprocidade do dentro e do fora”. (RICOEUR, 2000, p.375)

Segundo autor, expressa referente a sensibilidade poética que ambos estão em consonância (interior e exterior) e que ambos são dependentes. O sentir interno está associado ao externo, ou seja, o que se percebe no exterior é reflexo do interior.

Eu quisera ver o mundo

Eu quisera ver o mundo
como o vê Sérgio Bernardo
ver, no mundo, os muitos signos
que vigiam sob as coisas.

Sentir, sob a forma, as formas,
os segredos da matéria,
mais a textura dos sonhos
de que se forma o real.

Ver a vida em plenitude
e em seu mistério mais alto
decifrar a linha, a sombra,
a mensagem não ouvida
mas que palpita na terra.
Eu quisera ter os olhos
que assim penetram (poder da imagem)
um conhecimento humano.
(DRUMMOND, 2008, p. 1294)

No poema transcrito vê-se a fixação pelo seu amigo (fictício ou real) e expressa com o verbo no pretérito mais que perfeito “eu quisera” ver e sentir a maneira com o seu amigo via o mundo e as coisas.

Expressa também a vontade de poder sentir as coisas, também ele acredita no poder dos sonhos, experimentar o mistério que é capaz de tornar-se real.

O eu lírico gostaria de poder ver a vida de todos os ângulos e entender o mistério de viver, enfim “quisera” conhecer o ser humano por completo.

Os dois poemas “Aproveita o dia e Eu quisera ver o mundo” são poemas de temáticas diferentes. No primeiro Walt Whitman fala da valorização da vida e de aprender no dia a dia e ter a capacidade de sonhar, visto que somente com sonhos podemos nutrir de esperanças e realizações. Acrescenta que podemos aprender com quem tem mais experiência.

Drummond expressa a sua vontade em relação às coisas e pessoas de uma forma integral, revelando-nos a sua vontade de ter um conhecimento em relação a pessoa.

Podemos perceber nas poesias de Drummond as suas angústias, inquietações, incertezas que o poeta exterioriza através das suas escrituras, como podemos constatar na citação de CÂNDIDO (1965, p. 95-96) Na obra de Drummond, a força dos problemas é tão intensa que o poema parece crescer e organizar-se em torno deles, como arquitetura que os projeta.

Drummond através de cada verso apresenta uma nova estética, tornando um continuador de Whitman no livro *A Rosa do Povo*.

Em relação aos dois poemas de Whitman e Drummond apresentam referente ao sonhar, visto que ambos acreditam no poder dos sonhos e precisamos sonhar, visto que o sonho é característica de esperança do ser humano.

Destarte, o imaginar, o criar, o sonhar, são atributos de quem tem o privilégio da percepção desse mundo mágico que é a poesia, que tem o poder de abrir as portas para o mundo da idealização de uma amplidão de conhecimentos e o poder de criar que faz parte do campo imagístico do ser humano.

III. WALT WHITMAN E DRUMMOND: DESLEITURA ESTÉTICA

Walt é para mim a diferença americana, que continuo tentando aprimorar e transformar em conhecimento.

Harold Bloom

Seguindo o autor em epígrafe, o poeta Whitman é muito além da nossa imaginação, visto que é necessário estudar cada vez mais, para que conheça melhor suas escrituras.

Neste capítulo, pretende-se analisar, como a poética de Whitman e Drummond se dialogam como espaços de criação, ressaltando três aspectos: A poesia como instrumentos de verdades universais, processos de escrituras: aproximações, Whitman e Drummond de mãos dadas.

A tradição Literária começa quando um autor novo é simultaneamente ciente não só de sua própria luta contra as formas e a presença de um precursor, mas é compelido também a um sentido do lugar do precursor em relação ao que veio antes dele. (BLOOM, 2003, p. 51)

Segundo o autor (2003), o poeta novo tem sempre uma referência a ser seguida, no caso de Whitman com os versos livres e universalidades dos temas. Neste aspecto, os poemas do Drummond é uma continuidade dos textos do Whitman, além de marcar toda a cultura e experiência individual e coletiva caracterizados em seus poemas.

Whitman e Drummond os dois poetas considerados canonizadores da poesia transcriativa. Drummond o poeta brasileiro considerado de maior reputação e que melhor interpretou o Brasil, assim como Whitman em relação à América na composição de seus poemas.

A influência, como a concebo, significa que não existem textos, apenas relações entre os textos. Estas relações dependem de um ato crítico, uma desleitura ou desapropriação, que um poema exerce sobre o outro, e isto não difere em gênero dos necessários atos críticos que todo leitor forte realiza com todo texto que encontra. A relação de influência governa a leitura assim como governa a escrita, e a leitura, portanto é uma descrita assim como a escrita é uma desleitura. Com o prolongamento da história literária, toda poesia se torna necessariamente crítica em verso, bem como toda crítica se torna poesia em prosa. (BLOOM, 2003, p. 23)

Ainda Bloom (2003) a fala poética dos autores Whitman e Drummond se integra exercendo um legado lingüístico que exerce sobre Drummond, desta maneira, notou nas suas poesias as riquezas presentes de suas temáticas e o envolvimento e questionamentos que são de ler os seus textos.

Ao lermos sua poesia percebemos a liberdade que ambos exerciam na composição de seus textos, abrangendo uma forma universalística na composição das suas poesias.

Os poetas Withman e Drummond apresentam inúmeras aproximações, não somente nas temáticas que abordam o lado belo da vida, mas das inquietudes, das angústias, ambos abordaram em seus textos um ato poético que extravasava a subjetividade, expressavam de seus versos sem medo de serem criticados.

Neste caminho os poetas pareciam fazer de tudo um motivo para se transformar em poesia. É Neste contexto que se nota a abrangência que os textos exercem sobre os leitores.

Já é hoje mais ou menos comum a afirmação de que a obra de um grande poeta, como a do Carlos Drummond de Andrade, é algo que não se entrega totalmente, que sempre permanece desafiando as gerações de críticos e leitores, o que, além de ser uma prova da eternidade da obra artística, não deixa de ser também o prato predileto dos estetas da recepção. Aliás, o próprio poeta joga com esses elementos teóricos num poema de fazendeiro do ar, quando afirma entre irônico e malicioso; “E como ficou chato ser moderno! Agora serei eterno”. (TELES, 1996, p. 307)

Conforme Teles, (1996) Drummond demonstra pressentir que as suas poesias refletiriam ao público que viria assim como mencionou em um dos seus textos, “E como ficou chato ser moderno! Agora serei eterno”(TELES, 1996, p. 307). Drummond assim como Whitman foi imensurável nas composições de seus poemas, eles souberam construir seus textos que abordam a todos os tempos verbais de uma forma que pareciam que pressentiam que seus textos serviriam a várias gerações. Para Bloom 2003:

O poema de Whitman pode ser dividido assim: seção 1 clinamen e tessera; 2, kenosis; 3, demonização; e 4 askesis e apophrades. Ou seja, a primeira seção se move de imagens de presença e ausência para representações de parte e todo. A segunda seção é uma decomposição radical e regressiva, dominada por uma extensa imagem de vazio. Com a terceira seção, as imagens de queda na inferioridade passam a dominar em uma versão bela e grotesca da sublimidade. A quarta e última seção

justapõe uma posição imagística entre natureza e o eu de Whitman como exterior e interior, com imagens de tardividade aceitas como tal, e com o presente energicamente negado. (BLOOM, 2003, p. 189)

Conforme Bloom (2003) a poesia de Whitman passou por várias esferas, mas sempre com versos admiráveis e repletos de uma pluralidade de significados que sempre vem agradar o público de todas as classes sociais, pois o poeta foi um multiplicador de poesias e sempre pensou no outro e em tudo que o rodeava.

Vê-se nos poemas whitmanianos a originalidade tão presente e carregada de simbologias com os versos livres, capaz de levar os seus cantos várias nações. Whitman e Drummond fizeram as suas poesias com sensibilidade, cuidado e que notamos ao lê-las as perspicácias que os dois possuíam e souberam dosar em cada linha dos seus textos.

Walt e Drummond se enlaçam e ao ler notamos os movimentos e as imagens são capazes de proporcionar encontros singulares, seja com a natureza, seja do ser consigo mesmo. É possível ler e compreender certas ausências que muitas das vezes não encontramos respostas.

Whitman e Drummond apresentam muitas características importantes, como por exemplo: a linguagem humana sempre presente e as variadas articulações de vocabulário e a competência de compor os textos que ambos abordam nas suas poesias. Os poetas apresentam esta união esteticamente de seus textos, visão e essa aptidão que eles apresentam nos poemas, alcançando assim várias escalas de significações.

Os heróis de uma escrita excepcional, podemos dizer que eles compuseram as suas poesias com grande responsabilidade e criatividade, como podemos perceber a riqueza de metáforas, em vários níveis das suas composições poéticas. Como podemos notar na citação a seguir.

Já no discurso poético o referente nos dá a impressão de que aparece e ao mesmo tempo desaparece, como se o significado semântico e o literário se manifestassem independentes e, ao mesmo tempo, juntos. Daí a ambiguidade, a imprecisão, a riqueza conotativa de que se reveste o discurso da poesia. (TELES 1996, p. 21).

Conforme o referido autor as palavras têm esse poder de transitar dentro do texto, direcionando-nos a várias incertezas, pois esse ápice a que a poesia nos

direciona, para extremos ora alegrias, ora certezas, ou quem sabe de tristezas, recordações.

Whitman e Drummond têm esse poder de nos deixar eletrizados, é capaz de sentir e vivenciar um mundo que eles viveram e também entendermos um pouco do futuro, ambos os textos apresentam um acervo de aprendizado.

Conforme o crítico David Arrigucci (2002, p. 103), o modo como Drummond captou nas formas de seus versos, com o que trazia de mais íntimo em sua individualidade sensívelíssima, o sentimento do seu tempo é que faz dele o grande poeta que é. Assim foi o grande poeta Drummond, que elevou e deu forma à poesia social brasileira, com grande expressão de cunho coletivo, fazendo ecoar a voz de seu tempo.

3.1 A Poesia como instrumentos de verdades universais

A poesia, assim fundada nas exigências da simbolização dos primeiros homens, sobrevive por lei “eterna”, porque sempre reaparecerão nos cursos da História as possibilidades de usar figurativamente a linguagem.

Alfredo Bosi

Segundo o autor em epígrafe, a poesia não é efêmera, mas imortal, visto que deixa as eternas marcas de uma cultura e a identidade de um poeta. A poesia, desde a antiguidade, deixa a sua forte expressão que sobrevive a várias gerações.

Ler e interpretar uma poesia faz nos imergir e trazer a tona o que ninguém viu ou falou é redescobrir outro mundo, o mundo ficcional ou real, ou seja, ler uma poesia nos dá esse direito de podermos fantasiar.

Notamos em arte literária, assim como na poesia com a definição de universalidade, aquela competência que o escritor dá a quem lê o que ele escreve, um ponto inicial.

Existe nos poemas de Whitman e Drummond essa assimilidade de temas atuais que notamos ao ler os seus textos. A metalinguagem presente na poesia de ambos são de grande aproximação, por se tratar de uma poética universalística e que na maioria das vezes, deixa-nos perceber que se trata de um texto simples, mas quando lê mais de uma vez, notamos o eu poético metaforizando, com os seus textos que apresentam características vivenciadas pelo autor.

Drummond é, neste sentido, um clássico moderno. O equilíbrio entre o passado e o presente, assimilado e superado, é a principal característica desse poeta quem não se entregou aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, de contemplação e mesmo da ação. Aí está por que a obra poética de Carlos Drummond de Andrade se situa, não só como um dos pontos mais altos da lírica brasileira, mas como uma das grandes realizações estéticas da língua portuguesa. (TELES, 1996, p. 325-326).

Conforme Teles (1996), a poética drummondiana é sinônimo de constância, mesmo com os versos modernistas presentes no livro *A Rosa do Povo*, ele não foge aos parâmetros de uma poesia que tem um poder de atingir todas as faixas etárias. O versar de Drummond é nutrido de saberes tanto no que relaciona ao passado e ao futuro, em que percebemos a sua longevidade do olhar no que diz respeito ao futuro de uma sociedade.

No poema “Resíduo” (1945) podemos perceber o eu lírico nos repassa que algumas coisas do viver ficam/ marcam a nossa vida, mesmo as coisas mais simples, como a fala poética menciona de tudo ficou um pouco/ muito pouco/ fica sempre um pouco de tudo como podemos observar no poema a seguir:

Resíduo

De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gogos. Da rosa
ficou um pouco.

Pouco ficou deste pó
de que teu branco sapato
se cobriu. Ficaram poucas
roupas, poucos véus rotos,
pouco, pouco, muito pouco.
Mas de tudo fica um pouco.
Da ponte bombardeada,
de duas folhas de grama,
do maço
— vazio — de cigarros, ficou um pouco.

De teu áspero silêncio
um pouco ficou, um pouco
nos muros zangados,
nas folhas, mudas, que sobem.

Ficou um pouco de tudo
no pires de porcelana,
dragão partido, flor branca,
de ruga na vossa testa,
retrato.

Se tudo fica um pouco,
 mas por que não ficaria
 um pouco de mim? no trem
 que leva ao norte, no barco,
 nos anúncios de jornal,
 um pouco de mim em Londres,
 um pouco de mim algures?
 na consoante?
 no poço?

Um pouco fica oscilando
 na embocadura dos rios
 e os peixes não o evitam,
 um pouco: não está nos livros.

De tudo fica um pouco.
 Não muito: de uma torneira
 pinga esta gota absurda,
 meio sal e meio álcool,
 salta esta perna de rã,
 este vidro de relógio
 partido em mil esperanças,
 este pescoço de cisne,
 este segredo infantil...
 De tudo ficou um pouco:
 de mim; de ti; de Abelardo.
 Cabelo na minha manga,
 de tudo ficou um pouco;
 vento nas orelhas minhas,
 simplório arrote, gemido
 de víscera inconformada,
 e minúsculos artefatos:
 campânula, alvéolo, cápsula
 de revólver... de aspirina.
 De tudo ficou um pouco.

E de tudo fica um pouco.
 Oh abre os vidros de loção
 e abafa
 o insuportável mau cheiro da memória.

Mas de tudo, terrível, fica um pouco,
 e sob as ondas ritmadas
 e sob as nuvens e os ventos
 e sob as pontes e sob os túneis
 o sob as labaredas e sob o sarcasmo
 e sob a gosma e sob o vômito
 e sob o soluço, o cárcere, o esquecido
 e sob os espetáculos e sob a morte de escarlate
 e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
 e sob tu mesmo e sob teus pés já duros
 e sob os gonzos da família e da classe,
 fica sempre um pouco de tudo.
 Às vezes um botão. Às vezes um rato.

(DRUMMOND, 2008, p. 92-95)

No poema citado a fala poética faz analogias entre as coisas. Ele parece comunicar pelo som em relação ao que ele imagina e vê. Nota-se que o assunto

todo gira em torno de que tudo neste mundo fica a impressão de algo, mesmo parecendo ser insignificante.

O eu lírico demonstra às vezes sarcástico, às vezes parece sério, como podemos observar no final do poema: fica sempre um pouco de tudo/ às vezes um botão/ às vezes um rato.

A poética drummondiana apresenta esse poder de transmutação de assuntos que na maioria das vezes é de nos afrontar.

A linguagem de Drummond apresenta várias conotações e que relata vários contextos, neste âmbito, observa-se como Whitman e Drummond tanto se aproximam pelos seus olhares tão perspicazes que os tornam as suas poesias tão presentes.

No poema “Nós também, por quanto tempo fomos enganados”, o eu poético faz um paralelo do ser humano com a natureza, metaforizando que a vida é um círculo que vai e volta, o poeta dá ênfase no pronome pessoal “nós” e emprega todos os verbos no presente do indicativo como podemos notar nos versos a seguir:

Nós também, por quanto tempo fomos enganados

Nós também, por quanto tempo fomos enganados,
 Agora transmutados, rapidamente escapamos, tal qual a natureza,
 Somos a natureza, por muito tempo estivemos ausentes, mas agora retornamos,
 Tornamos-nos plantas, troncos, folhagem, raízes, cascas,
 Estamos enterrados no solo, somos rochas,
 Somos carvalhos, crescemos ao ar livre, um ao lado do outro,
 Pastamos, somos duas entre as ervas selvagens, tão espontâneas como [quaisquer outras,
 Somos dois peixes nadando, juntos no mar,
 Somos o que são as flores da acácia meleira, destilamos o aroma [em torno das estradas, nas
 manhãs e a noitinha,
 Somos, também, a sujeira áspera das feras, dos vegetais, dos minerais,
 Somos dois falcões predadores, planamos nas alturas e olhamos [para baixo,
 Somos dois sóis resplendentes, mantemos o equilíbrio planetário e[estelar de nós mesmos, somos
 dois cometas,
 Andamos a esmos com nossas garras, em nossa quatro patas, nas
 [florestas perseguimos as presas,
 Somos duas nuvens de manhã e, à tarde, avançando sobre as cabeças,
 Somos mares que se misturam, somos duas daquelas ondas vibrantes,
 [rolando uma sobre a outra e nos molhando mutuamente,
 Somos o que a atmosfera é, transparente receptiva, antecipada,
 [impermeável,
 Somos neve, chuva, frio, escuridão, somos cada produto e influência
 [do globo,
 Viemos circulando e circulando até chegarmos a nossa casa novamente,
 [nós dois,
 Anulamos tudo menos a liberdade, tudo menos a nossa própria alegria.

(WHITMAN, 2012, p. 125-126)

No poema “Daqui a muito tempo”, percebemos que os seus versos levariam muito tempo para ser reconhecido, admirado ou então compreendido, como o poeta mencionou nos versos a sua percepção de que o que ele escrevia seria para as futuras gerações pudessem usufruir de suas escrituras.

Daqui a muito, muito tempo

Depois de um longo, bem longo percurso, de centenas de anos, negações,
Acumulações, amores despertados e alegria de pensamento,
Esperanças, desejos, aspirações, ponderações, vitórias, miríades de leitores,
Revestindo, contornando, cobrindo- depois de incrustações de eras e eras,
Somente então poderão estas canções alcançar fruição.

(WHITMAN, 2012, p. 515)

Em Whitman e Drummond percebe-se que ambos apresentam em sua poesia uma riqueza de temas acoplada a variados textos que são de grande valia e variadas interpretações. Diante disso, é perceptível notarmos o encadeamento de signos estéticos que os autores abordam nas suas obras e o poder que eles têm de adentrar na nossa realidade, fazendo várias conexões com a nossa vida e até fazendo transformações.

Nota-se, nos poemas de Whitman e Drummond, sedimentados de inúmeros temas que carregam a vida de ambos desde onde nasceram até a visão acerca de seus países, que se espalha no universo global, trazendo o intrínseco literário de ambos os poetas.

Em relação à concepção de mundo, cada um apresenta nos referidos temas a perspectiva lírica do “olhar singular” de cada um em relação a tudo que notamos a “marca poética” através das suas escritas.

Whitman e Drummond se firmaram como ícones de uma época da qual fizeram parte, como por exemplo: o cenário político de uma determinada época que conjuntamente presenciaram e puderam ver de perto todos os acontecimentos.

Eles tornaram a poesia um instrumento um canto de participação das suas épocas. Os grandes poetas apresentam as suas obras que guardam cenas e inúmeros ensinamentos, demonstrando seus pontos de vistas e criatividade com predominância da contemporaneidade, tornando suas escritas o trabalho com as suas palavras, que para eles poderiam ser um grito de alerta, de despertar ou para conhecer algo, liberdade de expor em poemas todo um sentimentalismo ou quem

sabe alguma insatisfação ou denúncia de algo que não lhes era certo para seu tempo.

A poesia moderna abriu caminho caminhando. O que ela não pôde fazer, o que não está ao alcance da pura ação simbólica, foi criar materialmente o novo mundo e as relações sociais, em que o poeta recobre a transparência da visão e o divino poder de nomear. (BOSI, 1977, p.145)

Segundo o autor supracitado (1977), o poeta não tem esse poder de agradar a todos, podendo chegar ao ápice de um determinado assunto e atingir a todos de uma maneira homogênea. Somente entenderá de poesia a pessoa que tiver a sensibilidade de mergulhar nesse campo semântico que tem o poder de mexer com o nosso interior que nos leva a refletir e também poderá nos remeter uma resposta.

Ambos anunciaram em seus cantos várias verdades sobre o futuro, como: as inovações das máquinas e também referente ao futuro da humanidade. Foram de uma imaginação ímpar, que são considerados por muitos críticos a excelência de seus textos e também os tornando de modelo tanto em pessoa como na maneira de compor os seus versos.

3.2 Processos de Escrituras: aproximações

Quando estou sozinho e leio em voz alta para mim mesmo, quase sempre é Whitman, às vezes quando preciso desesperadamente aliviar a dor. Quer se leia em voz alta para alguém ou em solidão há uma propriedade particular em recitar Whitman. Ele é o poeta de nosso clima, jamais será substituído e é improvável que seja igualado.

Harold Bloom

Segundo o autor em epígrafe (1994) ler Whitman é como um bálsamo para qualquer ser, um acalanto ao ser humano, ou seja, o poeta atemporal que pode ser interpretado por todos que tem admiração por literatura que admira poemas e que consegue decodificá-los, pois o estilo de Whitman é arraigado e que carrega essa predominância de diferentes fases dos seus textos, que sempre alcançou o seus mais diferentes públicos.

O impulso poético que Whitman apresentou nos seus poemas com tom de novo e com o poder de nos deixar admirados pelas suas escrituras, visto que

demonstra nos seus poemas a sua marca de uma nova abordagem acerca de tudo, que para a sua época a maioria das pessoas não conseguiu entender, mas que hoje carrega uma multidão de admiradores e que é muito lido e que serve de instrumento de pesquisa para muitos universitários.

Carlos Drummond de Andrade e Walt Whitman apresentam uma farta verossimilhanças nos seus textos em *A Rosa do Povo* e *Folhas de Relva* apresentando desta forma a estética da liberdade nas suas escrituras.

As inovações literárias dos textos de Drummond do livro já supracitado trazem a tona uma nova maneira de compor os seus versos, outrora eram versos rimados, agora nesta nova coletânea (1945), são novos tempos, tornando um continuador de Whitman.

“*A Rosa do Povo* é a culminação lógica deste processo, onde o poeta enfrenta as conseqüências da fusão total do eu e do mundo exterior”. (GLEDSON, 1981, p. 160).

Gledson (1981) manifesta que, nesta nova fase Drummond apresenta um descontentamento com algumas coisas que o cerca, essa transição apresenta uma nova fase, ou um amadurecimento de suas poesias, deixando um novo canto, um novo ritmo a sua escrita.

Nesta nova vertente, percebemos um novo canto, com seus versos alargados sem métrica, com aproximação dos versos whitmanianos. Como podemos verificar na citação a seguir:

Os ingredientes que fizeram de *Folhas de Relva* uma obra revolucionária em seu tempo são os mesmos que causaram grande polêmica na época do seu lançamento: a escolha de temas corriqueiros, o foco sobre o homem comum, a desabrida sensualidade, a licenciosidade poética, a linguagem as vezes clã, as estranhas enumerações, a equiparação do corpo e da alma. (WHITMAN, 2012, p. 14)

Whitman escreveu os versos sem preocupação com o que poderia vir acontecer e foi um genial na composição de cada um dos versos, sempre demonstrando reocupação com tudo que estava aos seus olhos e menciona também o que pressentia através das suas poesias.

A poética de Whitman apresentou grande repercussão para a época. O poeta demonstrou-se um homem corajoso e mergulhou em todas as coisas, seus

pensamentos, alegrias, angústias, frustrações sem levar em consideração as críticas que viessem a fazer.

Assim, “A invenção poética arma contextos tão variados e tão estimulantes que arrancam os fonemas da sua latência pré-semântica e os fazem vibrar de significação.” (BOSI, 1977, p. 51)

Segundo BOSI (1997), compor poesias é criar um novo olhar que faz com o poeta sinta e expõe em forma de versos algo a criticar, exaltar e também até algo referente suas paixões.

Os manuscritos dos poetas apresentam uma estética modernista em que perdura um marco das suas composições poéticas. Em Whitman e Drummond a aproximação de seus textos em *A Rosa do Povo* e *Folhas de Relva* com a nova maneira de compor os versos (livres) com a mesclagem de estilos soma com a nova abrangência de um novo leitor com um novo olhar.

“Seu contemporâneo, Whitman, permanece adiante de nós por sua nuance e pela evasividade metafórica.” (BLOOM, 1994, p. 284)

Conforme Bloom (1994) Whitman está à nossa frente, pela sua performance e altivez na visão e composição de seus versos e a cada leitura dos seus poemas pode-se notar essa fruição que são a leitura de seus poemas.

Os dois grandes significados da Literatura brasileira e talvez mundial apresentam novas combinações nas suas composições poéticas, visto que ambos nasceram em épocas tão distantes, mas ao apreciar as suas escritas, podemos sentir uma grande aproximação desses autores em relação a quase tudo em relação a sua vastidão de visão de mundo, ao amor e outras temáticas.

O discurso poético de Whitman e Drummond aponta dualidades com elegância e vivacidade demonstrando vários contextos, que ao lê-las percebemos as conexões nas obras whitmanianas e drummondianas.

Os textos a seguir mostram algumas similaridades de temas e atemporalidades presentes na poesia dos dois autores:

Na praia, sozinho, à noite.

Quando a velha mãe balança para a frente e para trás,
[entoando sua canção vigorosa,
Quando assisto à brilhante estrela que cintila,
[reflito sobre a chave dos universos e sobre o futuro.

Uma vasta similitude engrena todas as coisas,
Todas as esferas, as desenvolvidas, as mirradas, as pequenas,

[as grandes, os sóis, as luas, os planetas,
 Todas as distâncias de lugares, não importando quão longínquos,
 Todas as distâncias do tempo, todas as formas inanimadas,
 Todas as almas, todos os corpos vivos embora tão diferentes,
 [ou de mundos diferentes,
 Todos os processos gasosos, aquáticos, vegetais, minerais,
 [os peixes, as criaturas,
 Todas as nações, cores, barbarismos, civilizações, línguas,
 Todas as identidades que existiram ou possam existir
 [neste globo ou em qualquer globo,
 Todas as vidas e mortes, todo o passado, o presente, o futuro,
 Essa vasta similitude os abarca, e sempre os abarcou,
 E há de abarcá-los para sempre e solidamente envolvê-los e contê-los.
 (WHITMAN, 2012, p. 265)

Na poesia de Whitman, “Na praia, sozinho, à noite” o eu lírico observa a velha mãe que cria o filho e ao mesmo tempo ele faz autorreflexão consigo perante tudo que existe no universo.

No primeiro, verso eu poético observa o céu e vê uma estrela fazendo questionamentos acerca do que está por vir, as incertezas, o futuro. Já no segundo verso a poética de Whitman vê uma similaridade de tudo que nos envolve e também a natureza, ou seja, estamos envolvidos a tudo e a todas as coisas.

Nota-se a repetição do pronome indefinido “todas” na maioria das linhas do poema, ratificando que mesmo perante as distâncias “nós” há conexão, semelhança a tudo que existe na natureza, como podemos observar nas últimas linhas a seguir do poema:

[...] Todas as vidas e mortes, todo o passado, o presente, o futuro,
 Essa vasta similitude os abarca, e sempre os abarcou,
 E há de abarcá-los para sempre e solidamente envolvê-los e contê-los.[...]
 WHITMAN, 2012, p. 265)

Percebe-se na linguagem poética de Whitman atemporalidade presente em cada linha do poema, podemos constatar esse imenso universo que é o ser humano e a natureza as semelhanças existentes entre ambos.

Análise a seguir da poesia de Drummond:

Consolo na praia

Vamos, não chores.
 A infância está perdida.
 A mocidade está perdida.

Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis carro, navio, terra.
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o humour?

A injustiça não se resolve.
À sombra do mundo errado
murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.

Tudo somado, devias
precipitar-te, de vez, nas águas.
Estás nu na areia, no vento...
Dorme, meu filho.
(DRUMMOND, 2007, p. 181)

O poema, “Consolo na praia” apresenta características contemporâneas, a voz poética fala das angústias e sofrimentos pelas pessoas daquelas circunstâncias.

O poema começa com versos que manifesta ordem, no modo verbal imperativo, como podemos observar: “Vamos, não chores./A infância está perdida./A mocidade está perdida.”

Relata dois momentos da vida que passaram: a infância período de grande magia está perdida, a juventude época de tudo sonhar, fantasiar aventuras e descobertas, está perdida. O eu poético mostra a insatisfação.

Mas cabe ressaltar que mesmo o eu poético demonstrando insatisfação do que passou, destaca que há vida, há confiança, mesmo perante as derrotas. “O primeiro amor passou./O segundo amor passou./ O terceiro amor passou.”

Podemos a repetição do verbo no passado “passou” e “perdestes” e do advérbio de negação “não” presentes em várias linhas do poema, dando a ideia de desesperança. Mas o poeta vai se demonstrando esperançoso ao final de cada lamúria.

O poema chama a atenção às tradições familiares da época, o conservadorismo de uma família, a importância que tinha uma vida familiar.

O eu lírico deixa a perceber que perdeu algo que é o “amigo” e que deixa um vazio.

O poema relata muitas perdas, como por exemplo, na última linha do primeiro verso: está tudo perdido: “[...] mas a vida não está perdida”. No final do segundo verso fala dos amores que já passaram [...] mas “mas o coração continua”. No terceiro verso perdeste um amigo [...] ”mas tens um cão”.

No quarto verso, o eu lírico menciona acerca das palavras que muitas das vezes machucam, [...] ”mas o humour?” Já no penúltimo verso a voz poética lamuria do mundo errado, da justiça que não se resolve, [...] ”mas virão outros.”

Na última estrofe o eu lírico resume que tudo deveria ser jogado fora, destruído, ou seja, o eu poético deixa subtendido a ideia de recomeçar, de tentar novamente, mesmo diante as dificuldades, ele demonstra esperanças.

Os dois poemas “Na praia, sozinho, à noite” (Whitman) e “Consolo na praia” (Drummond) apresentam temas parecidos referentes apenas aos lugares (praia) e as crianças “chorando”, mas com características diferentes ao contexto de cada texto.

O primeiro poema de Whitman o eu lírico observa a mãe que embala o filho na praia e faz questionamentos acerca de tudo que existe no universo versus ser humano, que para ele há semelhanças entre tudo.

Já no segundo poema de Drummond o eu lírico faz questionamentos sobre o passado, referentes a várias coisas, mas deixa explícito que há esperança, que há sempre um recomeço.

Os poetas Whitman e Drummond se interligam no processo de seus textos nos referidos livros *Folhas de Relva* e *A Rosa do Povo*, apresentando homologias entre os seus textos, a modernidade sempre presente, mostrando-nos nas suas obras uma variada conotação e uma amplitude de temas e a presença de uma lírica moderna nos seus poemas.

Nesse sentido, notamos em Whitman e Drummond processos modernistas que relatam o universo heterogêneo de ambos, que podemos notar em seus mais variados temas que os dois abordam os seus estilos de uma forma poética: “A lucidez do poeta é capaz de dar resultado em um campo apenas, o campo das palavras”. (LIMA, 1968, p. 184)

Segundo o autor (1968) nesse sentido o poeta é aquele que transmuda os seus sentimentos ou em relação a qualquer temática através de poesia, sendo capaz através do poetar levar a sua mensagem para todos.

Esse foi o caminho percorrido pelos dois poetas Whitman e Drummond que muito fez das suas escrituras se tornarem um canto coletivo que foi influenciado e se

tornaram influências a outros escritores, como podemos perceber nas palavras de Bloom a seguir:

Ora, nada aconteceria, simplesmente nada. Não se pode escrever, ensinar, pensar e nem ler sem imitação, e o que imitamos é o que outra pessoa fez, o que ela escreveu, pensou ou leu. Nossa relação com o que informa aquela pessoa é a tradição, pois a tradição é a influência que se estende além de uma geração, um transportar da influência. (BLOOM, 2003, p. 50)

Segundo o autor (2003) tradição é o novo poeta ciente do seu precursor e compelido do ensinamento em relação ao seu antecessor, ou seja, ele terá sempre como um ponto de referência a “tradição” daquele que lhe servira de modelo, no caso de Drummond a maneira de Whitman no seu livro *A Rosa do Povo* com os seus poemas reestruturados.

As continuidades das escrituras de Drummond no livro *A Rosa do Povo* são de escrituras modernistas e vale ressaltar, que seus poemas são reveladores de temáticos presentes na nossa vida, ou seja, no momento de agora.

Os poetas Whitman e Drummond o olhar, o caminhar de ambos demonstram nos referidos textos uma poética aproximativa e reveladora, nos traz todo o sabor de uma poesia contemporânea.

3.3 Whitman e Drummond: de mãos dadas.

A poesia recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam.

Alfredo Bosi

Segundo a epígrafe em questão, a poesia não é estagnada, ou seja, ela está em constante movimento nesse âmbito da palavra infinitamente criadora capaz de nos submeter as mais variadas dimensões do conhecimento e do sentimento.

“Em Whitman, o saber é chamado de “registro” ou “manter o registro” e está associado tanto com o autoerotismo quanto com o escrever poemas”. (BLOOM, 1994, p. 279).

Segundo Bloom (1994) Whitman escreveu sobre tudo e todas as coisas sem se poupar dos seus altos desejos, foi expressamente inovador nas suas palavras

poéticas. Para Whitman o seu desejo de compor estaria em primeiro lugar, da mesma forma de ser compreendido também.

Whitman foi um grande referencial para muitos outros escritores, inclusive Drummond com a composição dos versos livres em *A Rosa do Povo*. As novas estilísticas de Whitman e Drummond nos aproximam cada vez mais as suas poesias, visto que trata de assuntos diversificados e também da nossa realidade. Os poetas apresentam interconexões e se harmonizam umas com as outras.

Whitman e Drummond considerados os poetas da autonomia de escrever, e de uma ousadia em expor suas escritas, demonstrando confiança e perspicácia, podemos constatar nos seus livros as exuberâncias de poemas que podemos admirar no livro “Folhas de Relva (1845) e *A Rosa do Povo*” (1945).

Ainda Bloom (1994) afirma o considerado o cânone da literatura mundial escreveu com grande categoria as suas poesias, que podemos notar a singularidade de cada um dos seus textos.

Os poetas caminham juntos dando aos seus textos uma poética infinita numa abrangência das suas poesias, apresentam temáticas que realmente nos comove.

Em Whitman e Drummond a modernidade sempre presente nas suas escrituras e de uma excelência expressividade e de uma amplitude de temas privilegiados.

Drummond é considerado por muitos críticos, uma espécie de Whitman brasileiro, pela visão que obtinha acerca do Brasil em uma época tão distante dos meios de comunicação mesmo assim conseguia atentar de longe todos os acontecimentos acerca do seu país, da mesma maneira que Whitman sondava a América por todos os lados.

Os dois grandes bardos apresentaram para a sua época os intérpretes de uma nação através das suas poesias, que tiveram a oportunidade de mostrar várias formas de verdades do que estavam acontecendo não só no seu país, mas no mundo. Os seus textos apresentam em várias poesias respostas ou quem sabe afirmações de algo que na maioria das vezes não sabemos como buscar uma resposta. Como podemos constatar na citação de Teles: “Mas é, sobretudo Carlos Drummond de Andrade (1902) que se transforma no maior poeta brasileiro de todos os tempos, se não um dos melhores do mundo ocidental”. (TELLES, 1996, p. 72)

Conforme o referido autor o poeta Drummond reconhecido por muitos críticos como o ícone dos poetas e que mostrou alargamento vocabular, o universal poeta brasileiro com a sua poética inovadora.

A linguagem criadora de Drummond com uma extensão vocabular veio para acrescentar a sua posição de o poeta que faz parte do nosso hoje com as suas escrituras sempre atuais, acresce muito ao nosso país e a classe de grandes poetas brasileiros.

“Whitman foi, de fato, um inovador. Foi o pai do verso livre, ampliou grandemente os temas tratados até então, libertando assim o espírito da poesia moderna.” (Folhas de Relva, 2012, p. 558).

Assim foi Whitman na construção de seus versos, escreveu a todos e sobre todas as coisas nas suas poesias. O gigante poeta sempre atual com os seus textos de grande desempenho estilístico.

Whitman foi desta forma: corajoso, forte, gigante nas suas palavras e muito perspicaz no que concerne ao conhecimento mundano, apesar de que na época foi muito julgado, parecia que ele tinha a convicção de que um dia seria reconhecido.

Assim como Whitman tinha o desejo de seu livro ser lido por todos, foi seu desejo durante todas as suas escritas, como podemos ratificar nas palavras do poema a seguir:

O significado de Folhas de Relva

Não para excluir ou demarcar ou selecionar os maus das suas massas
Formidáveis (até mesmo para expô-los),
Mas não adicionar, fundir, contemplar, estender-e celebrar o bom e o imortal.

Insolente esta canção, suas palavras e seu escopo,
Para abarcar vastos domínios de espaço e de tempo,
A evolução cumulativa-desenvolvimentos e gerações. [...]

(WHITMAN, 2012, p. 526)

A demonstração de Whitman ao poema proposto era o seu desejo de espalhar para todos os lados *Folhas de Relva* que alcançasse a todas as pessoas, que sua obra chegasse a todos. E hoje a obra de Whitman é comentada por vários críticos como o bardo, o cânone, é um poeta de grande nome e de uma imensurável obra, admirados por todos que o lê.

Os dois grandes portadores de uma poesia universais considerados os bardos brasileiro Drummond e o americano Whitman que muito contribuem para uma pesquisa de suas poesias, considerados de autoescalão na composição de seus poemas.

Em Drummond também é semelhante ao Whitman pela a admiração e muito mencionado por vários críticos sobre o livro *A Rosa do Povo*, como podemos constatar na citação a seguir:

A Rosa do Povo está cheio de imagens que podem ser obscuras, mas que são quase sempre intensas e evocativas, tanto que leitor tem uma ideia do seu significado, embora nem sempre conheça o seu sentido exato. Parte da magia da poesia-e Drummond achava o papel do artista parecido ao do mágico- é a sua capacidade de dar novo significado às coisas mais vulgares. Diz, mais exatamente-“quanto mais obscuros, mais falamos”; se o seu significado não é óbvio, transcendem, por isso mesmo, com mais facilidade, os sistemas normais e estabelecidos de comunicação. (GLEDSON, 1981, p. 205)

Segundo Gledson (1981) os poemas estão carregados de gravuras, que poderiam transmitir essas comunicabilidades, mas que escondem o silêncio. Pois o poema tem essa magia de mostrar o poder que uma palavra tem, da mesma maneira mostrar o poder do silêncio.

E deixa a perceber que a poesia esconde o seu poder de significado, ou seja, quanto mais difícil é uma poesia, mais transcendente ela será.

Ler uma poesia é um momento mágico, porque muitas das vezes enxergamos até o autor se movimentar ali no texto.

Para o poeta-em-um-poeta, um poema sempre é o outro homem, o precursor, e portanto um poema é sempre uma pessoa, sempre o pai do segundo nascimento. Para viver, o poeta deve desinterpretar o pai, por meio do ato crucial da desapropriação, que é a reescritura do pai. (BLOOM, 2003, p. 38)

O autor afirma ainda que o poeta sempre tem em quem ele inspirou, ou seja, teve a referência de alguém, e para escrever os seus poemas a sua maneira, fazendo uma reescrita do seu precursor. Assim foi Whitman e Drummond com os seus precursores que foram pessoas em que tiveram inspiração. Podemos dizer que é uma inovação das palavras em relação aos seus influentes.

E para cada poeta ele deixará a sua marca, o seu estilo, que futuramente outros o terão como precursores. Estes enxergarão seu antecessor através das escritas deixadas (poesias/poemas) que servirão de matéria prima para novas transcrições.

Assim recriando as escrituras imaginativas e deslendo os poemas deixados pelos seus precursores. Desta maneira, cada poeta recriando a sua maneira, como afirma o autor Bloom (2003, p. 23) “A influência, como a concebo, significa que não existem textos, apenas relações entre os textos”.

Nesse sentido, o poeta terá uma segunda visão a partir das escrituras deixadas por alguém que lhe servira de inspiração e essa relação de recriar predomina na leitura como na escrita.

Assim, podendo a Literatura se avançar com novos direcionamentos e novos olhares de cada escritor que dará uma nova fase as suas escrituras. No poema a seguir do Whitman, podemos observar uma nova maneira de falar e pensar acerca do tema proposto.

No poema a seguir podemos observar o eu lírico não mediu palavras para enaltecer tanto o homem quanto a mulher de uma forma bem detalhada. “O poeta relata no poema “Eu canto o corpo elétrico” sem fazer análises morais do homem versus mulher, como ele menciona no poema:” o amor do corpo masculino ou feminino é indescritível, o próprio corpo é indescritível, o do macho é perfeito, e o da fêmea é perfeito”.

De acordo com o que o eu lírico vai descrevendo o corpo masculino e o feminino, de moças, mães, empregadas, remadores, é possível desenhar a tal cena, visto que o poeta faz descrições bem minuciosas.

Mais adiante o eu poético fala sobre sentimentos, como podemos confirmar nos seguintes versos: “percebi que estar com os que amo é o suficiente/descansar na companhia dos demais, à noitinha, é o suficiente/ estar cercado por pessoas lindas, curiosas, arejadas, sorridentes é o que basta [...]

A voz poética vai mais longe quando expressa em relação ao ser humano, que podemos perceber nos versos: É um dos imigrantes que, com expressão melancólica no rosto, acaba de desembarcar no cais? Cada um deles pertence a esta terra, ou a qualquer outra parte, tanto quanto os bem-nascidos, tanto quanto vós, cada um tem o seu lugar na procissão. Tudo é uma procissão, o universo é uma procissão que se move de medida perfeita.

Neste poema, podemos notar explicitamente o eu poético expressando o valor que as pessoas têm, sem levar em consideração a sua classe social, cor ou religião. O poeta menciona sem poupar palavras às pessoas como novamente ele menciona: “Se algo há que seja sagrado, então esse algo é o corpo humano”.

Já mais ao final o eu lírico expressa acerca de todos somos iguais internamente tanto o homem quanto a mulher são importantes e ratifica no seu poema:

Creio que as tuas semelhanças devem se manter ou terminar com
Meus poemas e com o fato de que elas são os meus poemas,
Poemas de mulheres, de crianças, de jovens, de esposas, de maridos,
De mães, de pais, de moços e moças [...]

A poética de Whitman com o seu amplo vocabulário eleva o homem e a mulher mostrando-nos em cada verso a beleza particular que cada um apresenta, deixando-os em um mesmo patamar.

É importante ressaltar que essa temática foi fonte de inspiração para a cantora norte-americana Lana Del Rey na composição da sua música “Body Eletric”, visto que ela menciona o nome de Whitman chamando-o de pai, como podemos constatar no fragmento da música a seguir:

Whitman is my daddy, Monica's my mother
Diamonds are my bestest friend
Heaven is my baby, suicide's her father
Opulence is the end [...]
(DEL REY, 2012, sp)

O poeta conclui o seu texto dizendo que o seu poema não é apenas para as partes do corpo, mas para a alma também, mostrando o nos seus versos livres a sexualidade tanto do homem quanto da mulher de uma forma aberta, e que termina dizendo: “Ó eu digo que essas partes são a alma”. (WHITMAN, 2003, p. 119).

Eu canto o corpo elétrico

Eu canto o corpo elétrico,
Os exércitos daqueles que amo estão em minha volta e estou em torno deles,
Eles não me deixarão partir até que eu vá com eles, até que lhes dê uma resposta,
E os descarregue a todos com a carga da alma.
Foi posto em dúvida se aqueles que corrompem seus próprios corpos se disfarçam?
E se aqueles que desafiam os vivos são tão maus quanto os que desafiam os mortos?
E se o corpo não faz o mesmo tanto quanto a alma faz?
E se o corpo não for a própria alma, o que é a alma?
O amor do corpo masculino ou feminino é indescritível,
O do macho é perfeito, e o da fêmea é perfeito.
A expressão do rosto é indescritível,
Mas a expressão de um homem bem feito não aparece apenas no seu rosto,

Ela está em seus membros e nas suas juntas igualmente, está
 Curiosamente nas juntas de seus quadris e de seus punhos,
 Transparece em seu modo de caminhar, na força de seu pescoço, na
 Flexão de sua cintura e de seus joelhos, e as roupas não conseguem escondê-lo,
 A qualidade docemente poderosa que ele tem rompe através do algodão e da lã,
 A visão da sua passagem nos transmite algo comparável ao melhor
 Dos poemas, talvez ainda mais,
 Para observar as suas costas, sua nuca e suas espáduas.
 O espreguiçar e a plenitude dos bebês, os seios e a cabeça das
 Mulheres, as dobras de seus vestidos, seus estilos, quando as
 Vemos nas ruas, e suas formas vistas de cima para baixo,
 O nadador desnudo na piscina visto enquanto cruza as translúcidas
 Águas verdes e brilhantes ou deitado com a sua face para cima,
 Rolando silenciosamente para lá e para cá com a ondulação da água,
 A inclinação dos remadores para frente e para trás nos seus barcos,
 O cavaleiro em sua sela,
 Moças, mães, empregadas, em meio aos afazeres,
 Ao meio-dia o grupo de operários está sentado com as suas marmitas
 abertas, enquanto suas esposas aguardam,
 A fêmea amamentando uma criança, a filha do fazendeiro no jardim
 ou no curral,
 O mocinho cultivando milho, o cocheiro dirigindo a carruagem de
 seis cavalos por entre a multidão [...]

(WHITMAN, 2012, p. 111-112)

No poema “Cidadezinha Qualquer” de Drummond o eu lírico fala de uma maneira aparentemente despreocupada da monotonia de uma interiorana (qualquer espaço). O eu poético demonstra observar o pequeno lugar e vai relatando.

Trata-se de um texto contendo elementos do cotidiano, contendo rimas, como: bananeiras/ laranjeiras/ pomar/ cantar. Ainda o eu lírico faz crítica com elementos da vida do dia a dia, dando representação a imagem poética dando-nos descrição de tudo que parecia ver a sua frente ou talvez tivesse passado por tal situação.

Cidadezinha Qualquer

Casas entre bananeiras
 mulheres entre laranjeiras
 Pomar amor cantar

Um homem vai devagar.
 Um cachorro vai devagar.
 Um burro vai devagar.
 Devagar... as janelas olham.

Eita vida besta, meu Deus.

(DRUMMOND, 2007, p.38)

Pode-se dizer que o poema predomina um sentimento melancólico do passado, contendo a predominância de uma linguagem simples e pouco elaborado esteticamente.

Podemos perceber ainda o movimento do poema: palavra, imagem e som, mostrando ao leitor essa imagem, o movimento um homem vai devagar, um cachorro vai devagar, um burro vai devagar, coloca ambos em um mesmo patamar.

No texto apresenta versos livres e rimados, pode-se observar a figura de linguagem personificação das janelas em “devagar... as janelas olham” A repetição do advérbio “devagar” no início e no final do verso dá ênfase de uma rotina em todo o poema: “O poeta que, para o bem ou para o mal, encerra na figura, portanto na forma, a sua intuição das pessoas e das coisas”. (BOSI, 1977, p.158).

Segundo o autor Bosi (1977) que todos os momentos de um poeta, sejam de alegria ou não é transposto de forma de poesia. Desta forma foi Drummond com a sua voz poética que transformou em poesia desde a linguagem do cotidiano e se ampliou até a maneira mais sofisticada.

Como podemos observar na pintura (Entre morros e roda d'água) da artista Anita Malfatti na década de (1950) as semelhanças se aproximam com o poema supracitado.



Figura 2- Cidadezinha qualquer, Tarsila do Amaral

Segundo Bloom (2003, p. 50) “tudo não somente está em todas as coisas como também atua sobre todas as coisas”.

Percebemos que o poeta Drummond assim o fez na composição de seus textos caracterizando as suas escritas com expressividade e traçado de muito humor. Desta forma, podemos “afirmar” que os poetas Whitman e Drummond tornaram símbolos de uma geração.

No entanto, estudar as obras whitmanianas e drummondianas é mergulhar num universo repleto de pessoas que souberam criticar, elogiar, amar e expor as mais variadas experiências do nosso existir.

Ainda notamos que ao lermos o poema “Cidadezinha Qualquer”, somos capazes de criar uma imagem referente ao poema proposto e também nos 4º ao 6º versos podemos notar a presença de uma sonoridade branda, nos remetendo um texto simples, mas que no final “Eita vida besta, meu Deus” nos fala de uma vida sem novidades uma vida pacata de pessoas simples.

E em relação aos poemas do Whitman, notamos o autor afirmando em relação da sua grandeza, como podemos ratificar a seguir:

Whitman desagrada muitos leitores, não somente pela falta de gosto ocasional, mas também porque em suas obras existe uma loquacidade excessiva e uma constante aglutinação do transcendental e do trivial em fastidiosos catálogos. No entanto, em seus melhores textos, tudo está livre de afetação e os poemas se elevam a uma região em que ganham as dimensões da eternidade. (WHITMAN, 2012, p. 559)

Segundo o autor Claret (2012) o poeta transcendeu nos seus poemas e que conseguiu atingir um número imenso de leitores que simultaneamente atinge no contexto sensual e muito tocante em relação às pessoas.

O poeta que nas suas escrituras relacionou o homem e a natureza, com predominância dos seus versos inconstantes que abarca a sua obra: a beleza, a afirmação, negação, o simples e o complexo, de uma extensa obra considerada magnífica que é Folhas de Relva. Além disso, a obra parece identificar com o autor componente contestador e polêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito destes estudos referentes aos poetas Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade, a partir dos suportes teóricos e bibliográficos elencados e estudados, propiciou-nos uma grande abertura para o conhecimento da poesia desses dois autores, tendo como objeto os dois livros, *Folhas de Relva e A Rosa do Povo*.

Nesta pesquisa objetivou primeiramente, observar o que os poetas em estudo apresentam como eixo central de suas escrituras, suas singularidades e o que ambos tinham em comum. Foram pesquisados em Whitman e Drummond, as características e as similaridades e aproximações de sua poesia, tanto em relação à escrita quanto da visão de mundo que ambos confirmaram nos respectivos textos e a consideração canônica de cada um.

O trabalho em questão apontou no decorrer da pesquisa, uma grande aproximação de Whitman e Drummond, em relação de ambos serem de fases tão diferentes, mas com um olhar minucioso de tudo que os rodeava e em relação ao mundo. Percebe-se, em seus textos poéticos, um primordial valor ao humano, mas salientando que ambos os textos são de temáticas variadas, apresentando uma riqueza vocabular, com suas formas contemporâneas e abrangentes que representam todos os seus poemas.

No segundo capítulo, observou-se a grande aproximação de seus textos, tanto no que diz respeito ao cotidiano ao ser humano como em relação ao mundo. Foram analisados vários poemas de Whitman e Drummond, observando as linguagens de ambos e em relação à semântica e a metalinguística. Destacando em cada um dos poemas a presença do real em conjunção com o transcendental entre Drummond e Whitman.

Observou-se nos textos dos referidos poetas temáticos amorosos, o desejo, as frustrações e o sofrimento do eu lírico. Já em outros contextos aborda o enaltecimento e a intensidade que apresenta o ser feminino, de que ela é capaz de todas as coisas.

Ainda no segundo capítulo nos poemas “Aproveita o dia” e “Eu quisera ver o mundo” ambos os poetas nos chamam a atenção para o fato de que tudo é passageiro e deixam-nos reflexivos com tantas coisas que podemos compreender

na troca infinita, uns com os outros, pois sempre temos algo de bom a oferecer e também aprender com pessoas com mais experiências.

A poesia contém esse poder de nos inquietar, de nos submeter a algo agradável e podemos também estar rodeados de multidão e sentirmos sozinhos é algo de uma imensa subjetividade.

Percebemos ao analisar os poemas de Whitman e Drummond que ambos foram aos poucos revelando-nos a visão e sentimentos acerca de tudo que escrevia.

Estudar a poesia de Whitman e Drummond é também revisitar o passado, vivenciar o presente e poder lançar um olhar ao futuro. Os olhares de ambos em relação a todas as coisas desde o cotidiano até as mudanças de um mundo tecnológico que se aproximam.

Notou-se que a poesia whitmaniana e drummondiana apresenta uma vastidão de interpretações, apresentando em seus textos uma lógica de pensamento e a interatividade entre texto e leitor. Ambos apresentam imensurável visão de futuro e a verossimilhança no seu fazer poético, o que tornam seus textos atemporais. Neste enfoque, Whitman e Drummond não limitaram suas escritas a um público ou a um tempo, mas as fizeram abrangentes, abarcando as mais variadas classes pessoas e gostos.

Os estilos de escrita de Whitman e Drummond apresentaram ao longo de todos os estudos várias aproximações no que concerne ao visionário de ambos e também essa maneira de compor os seus textos às vezes com simplicidade, às vezes com ironia, foram vários nas composições das suas poesias.

No terceiro e último capítulo foram analisados a estética whitmaniana e drummondiana o novo olhar de Drummond em uma nova fase o livro *A Rosa do Povo* em consonância com Whitman *Folhas de Relva*. Podemos observar as estilísticas de ambos, seus movimentos dentro da história de um povo.

Foram analisados os poemas “Eu canto o corpo elétrico” (Whitman) e “Uma Cidadezinha qualquer” (Drummond) que notamos o som, a música e a pintura presentes em cada um dos referidos textos.

É relevante destacar que foram observadas as expressões poéticas de Whitman e Drummond, e percebemos que de acordo com a leitura que fazemos é perceptível vermos vários acontecimentos, deste modo, torna os seus textos híbridos, ou seja, as suas poesias alargam em variados contextos.

Dessa maneira, as escrituras de ambos os poetas vai revelando-nos uns círculos de sensações, evidenciando a subjetividade expressas nos seus textos. Os elementos se mestiçam socialmente, culturalmente e artisticamente.

Notou-se, os grandes bardos fizeram muito para uma sociedade através de seus textos, deixando para os brasileiros e quem sabe ao mundo, uma referência que poderá demorar muito tempo encontrar alguém similar aos grandes mestres da Literatura brasileira e americana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fábio de Souza. **Walt Whitman: a poesia em profusão**
<https://www1.folha.uol.com.br>

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. 43 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Poesia Completa**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Biografia**. <https://pt.wikipedia.org/wiki/>

ANDRADE, Carlos Drummond de. <https://www.google.com.br/>

ARRIGUCCI Jr, Davi. **Coração Partido** - Uma análise da poesia reflexiva de Drummond. 1. Ensaio literário. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da Poesia**. Ed. Cultrix da Universidade de São Paulo, 1977.

BLOOM, Harold. **Um Mapa da Desleitura**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. **O Cânone Americano**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2017.

_____. **O Cânone Ocidental**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

DEL REY, Lana, **Body Electric**, 2012, sp.

ELIOT, T. S. **ENSAIOS**. Ed. Art. S. A. São Paulo, 1989.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da Lírica Moderna**. 2 Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

GLEDSOON, John. **Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. 2 Ed. São Paulo: Madras, 2009.

LIMA, Luiz Costa. **Lira e Antilira**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1968.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. 2 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. 1 Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

PINTO, Divino José. **Transcrição e Consciência Estética em Amar- Amaro de Carlos Drummond de Andrade**. Revista Guará, Goiânia. Dezembro, 2017.

TELLES, Gilberto Mendonça. **A Escrituração da Escrita**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

WHITMAN, Walt. **Folhas de Relva**. 2 Ed. Martin Claret: Madras, 2012.

WHITMAN, Walt. **Biografia**. <https://pt.wikipedia.org/wiki/>

<http://pessoal.educacional.com.br/up/4740001/7255740/Inquietudes%20na%20poesia%20de%20Drummond%20-%20Antonio%20Candido.pdf>.